

FALO

ano VII . # 33

DAVID FARQUHAR

JOSÉ MARÇAL DE JESUS

NORVAL MORRISSEAU

CLAUDIO TOVAR

FALO FASHION

NUDEZ ESPORTIVA

Sumário

FALO® é uma publicação bimestral.
julho 2024.
ISSN 2675-018X
versão 20.07.24

edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto, Guilherme
Correa e Rigle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: *Kilted*, desenho de David Farquhar, 2024.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

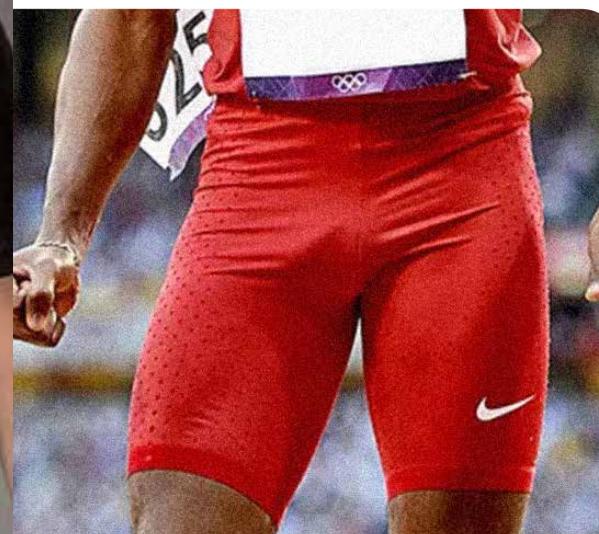
Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.



COMPRA AQUI

COLAB55



DAVID FARQUHAR

6

JOSÉ MARÇAL DE JESUS

22

FALO DE HISTÓRIA
Norval Morrisseau

34

FALO em FOCO
Claudio Tovar

50

FALÓFORO

60

ESPECIAL
Falo Fashion

64

FALORRAGIA
Volumes atléticos

78

CONTOS DO FALO
16 de julho

88

BIBLIÓFALO
Atletas na Grécia Antiga

90

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor

96

FALO com VOCÊ

98

moNUmento

101

Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina na Arte. Há, portanto, imagens de genitália. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

Ano olímpico. Mês olímpico. Edição olímpica! E, por mais incrível que pareça, foi num ciclo de quatro anos que ela foi pensada. Veja... em 2020, também ano de Jogos Olímpicos, estava eu assistindo várias modalidades quando pensei: “por que ninguém da grande mídia toca no assunto daquelas roupas apertadas que deixam tudo muito marcado e ainda aparecem em close e câmera lenta?” Acredito que seja um misto de constrangimento para os pudicos e deleite para os voyeurs, então, por isso, achei que era hora de pesquisar sobre o assunto. Porém, obviamente o assunto não é abordado de forma relevante em lugar nenhum e precisei das “convergências do universo”:

8=D Expandi minha pesquisa e encontrei um livro sobre o esporte na Antiga Grécia com explicações sobre a nudez esportiva. Tem resenha do livro aqui.

8=D Nessa mesma expansão, conheci uma luta turca bem “azeitada”. Tem texto sobre ela aqui.

8=D Entrei em contato com um atleta brasileiro supercampeão que segue a revista para colher informações. Tem depoimento dele aqui.

8=D E, por fim, a chegada em definitivo da inteligência artificial foi importante para me ajudar a encontrar um rumo para a pesquisa e para a escrita da matéria. (OBS.:A IA não escreveu a matéria, mas, ao usá-la corretamente como ela é, ou seja, uma ferramenta de conhecimento, descobri as informações necessárias que me fizeram chegar aos locais corretos de pesquisa.)

Mas o ciclo olímpico não ficou só no mundo esportivo. O artista Marcos Rossetton – colaborador de sempre que trabalha na área de moda – me avisou que estava escrevendo um artigo sobre a presença do falo nas passarelas e nas coleções de estilistas renomados. Sua pesquisa finalizou em 2023, mas eu a segurei para bater exatamente com as roupas esportivas.



Fonte: New York Post / Getty Images.



Os artistas desta edição também passaram por esse amadurecimento de quatro anos: eu já namorava o trabalho do David Farquhar há tempos e só estava esperando a hora; José Marçal tinha submetido seu portfólio há exatos quatro anos, em 2020, então, havia chegado o momento de apresentar suas fotos; e eu já tinha postado alguns trabalhos de Claudio Tovar – sim, o próprio, um dos Dzi Croquettes! – no meu Instagram, mas nesse ciclo, a gente começou a conversar, fui à casa dele ver suas obras e decidi que, no mês de seus 80 anos, eu iria colocar seu trabalho na Falo.

Sobre Norval Morrisseau vale uma explicação separada. Se você acompanha a revista, sabe que toda edição bimestral traz um artista já falecido que tinha em sua poética a representação do corpo masculino nu. Durante esse “ciclo olímpico”, eu descobri esse artista indígena canadense que me fez cair o queixo. No entanto, como ele havia falecido recentemente, sua obra ainda não estava em domínio público. Além disso, existe uma instituição por trás de seus espólios. Imaginando o árduo trabalho de conseguir autorização, fui deixando de lado até três meses atrás, quando resolvi encarar o desafio de entrar em contato com a instituição. É aquilo: o “não” a gente já tem... Para minha surpresa, a recepção foi super calorosa com direito a reunião online com o CEO! Conexão Brasil-Canadá! E modéstia a parte... recebi essa mensagem após aprovação do texto sobre o artista:

Sua escrita sobre a arte de Morrisseau é provavelmente a perspectiva mais concisa e compreensiva que li até agora. — Cory Dingle, CEO of The Estate of Norval Morrisseau

#dálícença #merespeita

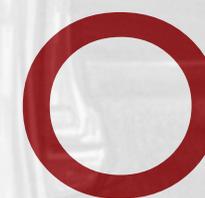
Dito isso, meu caro leitor/seguuidor, o que você tem nas mãos é fruto do amor. Amor pelo conhecimento, amor pela Arte, amor por compartilhar – e amor pelo falo, é claro. Um amor que sabe a hora de segurar, a hora de publicar; a hora de encarar e a hora de editar... a hora de ser olímpico!

Filipe Chagas
criador e editor



David Farquhar

por Filipe Chagas



desenho é uma das bases fundamentais da comunicação e da expressão artística humana. Entre idas e vindas profissionais, o escocês **David Farquhar** nunca abandonou seu pequeno conjunto de ferramentas de desenho com as quais se sente confortável (“uso meus confiáveis lápis Palomino Blacking e Faber-Castell, uma borracha Mono Zero por sua ponta super fina e bastões de papel de arroz para suavizar as bordas e misturar”).

Assim que terminou o ensino médio, fez um curso de construção de portfólio de arte que o preparou para a entrada no Duncan of Jordanstone College of Art & Design, onde estudou ilustração e gravura durante quatro anos. Seus planos de seguir num mestrado não se concretizaram e precisou mudar de carreira: durante mais de uma década, trabalhou como maquiador para TV, cinema e teatro (“me permitiu ser criativo em um meio diferente, usando o rosto e o corpo como tela”) e depois seguiu como professor e gestor da área. Enquanto o trabalho administrativo era sufocante, a sala de aula o permitia observar os alunos aprimorando suas habilidades técnicas.

Desenho quando sinto necessidade, quando me sinto inspirado. Passo grande parte do meu tempo ensinando em sala de aula e acompanhando os alunos através de processos intrincados, então, quanto tenho o meu tempo de desenho, ele é só para mim. Isso me ajuda a descontrair e relaxar e, portanto, não quero que isso se transforme em um processo estressante.

Sua exploração artística convergiu para desenhos monocromáticos a lápis, onde o seu domínio da luz e da sombra ocupa o centro das atenções, com forte inspiração em Egon Schiele, J.C. Leyendecker, Chris Bachalo e Bill Sienkiewicz. Farquhar também emprega tintas, marcadores e outras técnicas para enriquecer suas criações.



Cós, 2021.



Canelado, 2022.



Veste, 2021.

Gastando tempo, 2024.



Hélder, 2023.

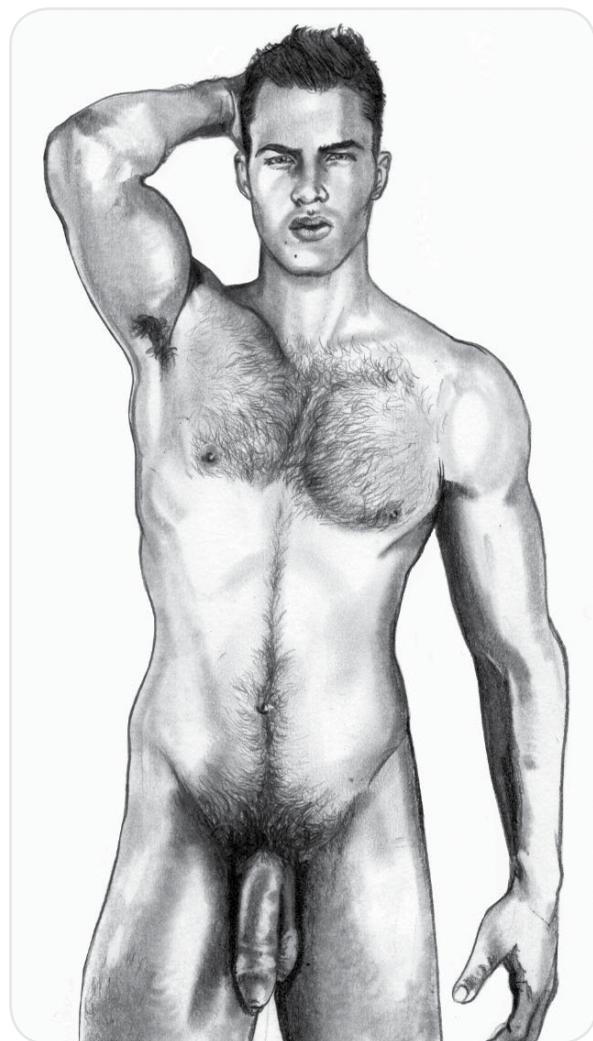


Ele entende que sua perspectiva como homem gay faz com que seu trabalho seja dedicado a investigar as intrincadas camadas de relacionamentos e questões LGBTQIA+, refletindo seu compromisso em promover a compreensão e a representação. Assim, a figura masculina é protagonista – com uma preferência por desenhar os pelos do corpo e a musculatura. Isso faz com que, por mais que goste de uma sessão de modelo vivo, ele acabe optando por usar fotografias para ter tempo nos mínimos detalhes e nos sombreados (“não colocaria uma modelo na tortura de uma sessão de poses de dez horas”).

Atado, 2022.



Adoração, 2024.



Sufocante, 2019.

Acreditando que o falo é demonizado na maioria dos meios de comunicação atualmente, o artista o desenha quando faz sentido na composição e, normalmente, como uma provocação.

Prefiro mostrar excitação ou sexualidade sem o falo ereto.



Seguro, 2022.



Pegada, 2022.





Apesar de ter levado um tempo para se sentir confortável em divulgar seu trabalho nas redes sociais, o retorno do público foi extremamente positivo. Porém, a censura do algoritmo e as constantes restrições levaram Farquhar a refletir sobre o meio.

Estão matando a criatividade e a auto-expressão. Acho que é hora de disponibilizar plataformas de mídia social online apenas para maiores de 18 anos.

O avanço da IA nas produções artísticas é outro ponto em que o artista se impõe:

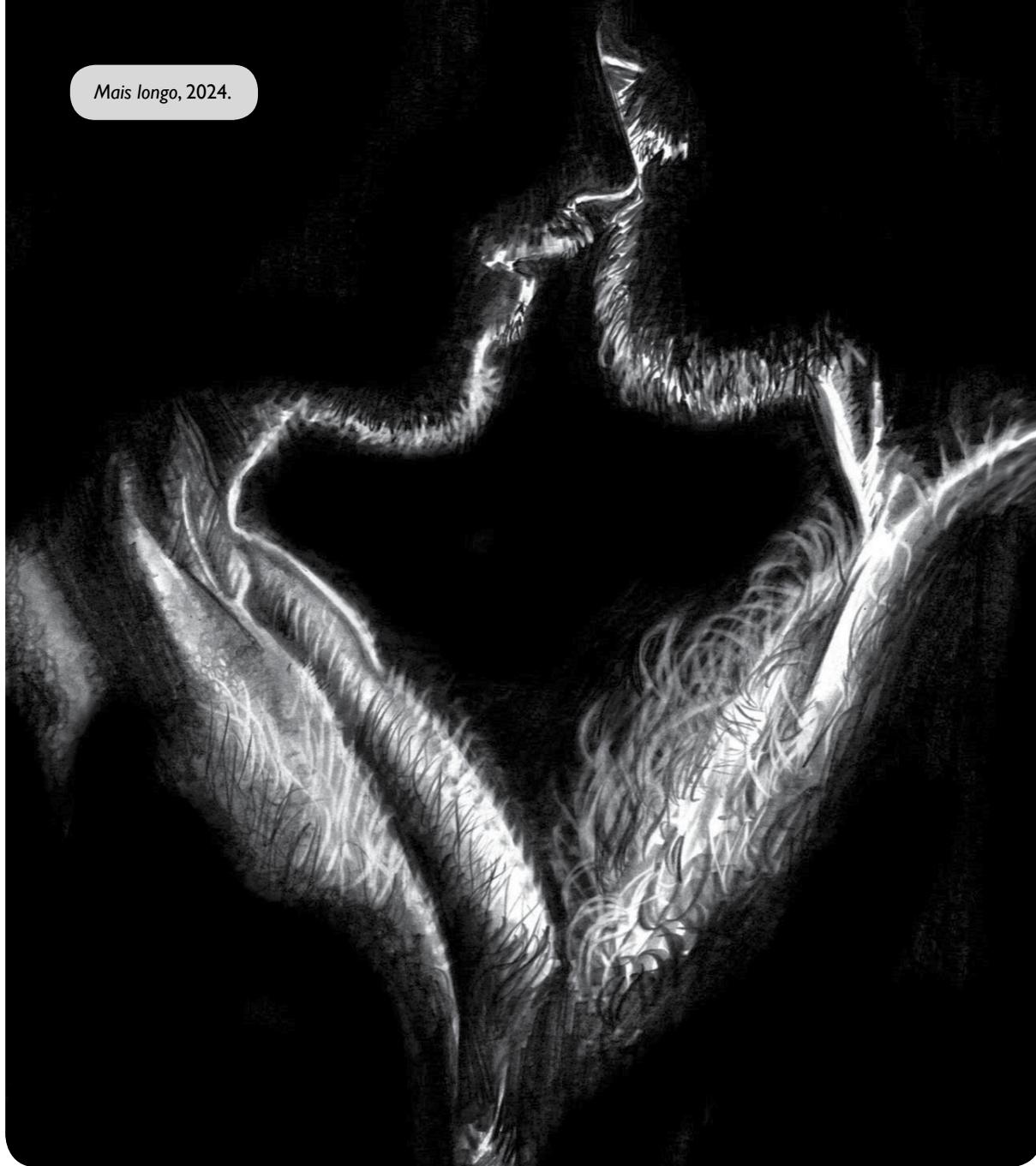
Sinto que trabalhar tradicionalmente é um grande diferencial hoje em dia. Eu até uso softwares para refinar e limpar fundos e tenho experimentado o desenho digital, mas o uso da IA para reduzir o tempo de criação é um sacrifício da qualidade em favor da quantidade.

Use suas cicatrizes, 2021.

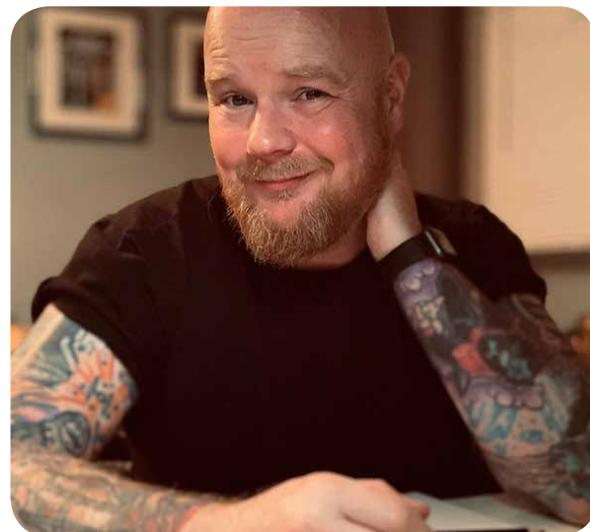
Água, 2019.







Mesmo enxergando esse retrocesso, o artista planeja “continuar desenhando enquanto estiver inspirado” e aconselha os artistas a buscarem seus públicos sem se abalar com a censura (“crie seu próprio espaço longe das redes”). **8=D**



*Cirurgia
plástica
para você.*



Dr. Alcemar Maia Souto CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000

alcemarmaiasouto@gmail.com

José Marçal de Jesus

por Filipe Chagas



Nascido numa família interracial bem humilde e criado numa casa com chão de terra batida, **José Marçal de Jesus** sempre foi inquieto, sensível e solitário. O fato de não ter fotos de infância porque sua família não tinha recursos financeiros para se fotografar como família, como pessoas pretas, como história, fez com que a fotografia (“ser aquele que guarda as pessoas com sua lente”), se tornasse um objetivo de vida.

Negro e homossexual, o jovem baiano de Itabuna desde muito cedo já demonstrava interesse pelas artes e, ainda na adolescência, decidiu mudar o rumo de seu próprio destino: aos 17 anos, Marçal se mudou para o Rio de Janeiro para trabalhar como técnico de laboratório fotográfico e começou sua jornada. Descobriu Robert Mapplethorpe e Richard Avedon na fotografia, Frida Kahlo e Francis Bacon na pintura. Em 2006, chegou em Berlim, Alemanha – onde reside até hoje –, e, em 2012, concluiu seus estudos na Neue Schule für Fotografie Berlin.

Seu trabalho se desenvolveu a partir de retratos íntimos, nos quais os modelos se tornam uma metáfora do mundo interior do fotógrafo. Marçal diz que seu estilo parte de uma “estética do espontâneo”:

O meu diferencial é que tenho um olhar amador, na foto e na técnica. Sabe fotos roubadas? Cliques que não foram permitidos ser feitos? Assim me enquadro. Minha foto é encenada, mas uma encenação com estética roubada, pessoal e surrealista.





Sem um processo criativo específico ou sistemático, o fotógrafo usa música e poesia como inspiração. Sua câmera torna-se um veículo para sonhar e, ao mesmo tempo, serve como um meio para lidar com as relações entre a lente e o mundo. Suas narrativas visuais parecem falar de um mundo interior, mas também apontam para estados de ser que são universais.

Entre o erótico e o onírico, Marçal utiliza o corpo como espaço para discutir sexualidade, preconceitos, liberdade e prazer estético. Especialmente, o corpo masculino e, claro, o falo:

O homem é algo que me excita, pela sua fragilidade e pela sua potência. Gosto de dirigir os modelos, fazê-los posar, fazê-los exprimir uma fragilidade por estarem nus. O falo tem de ser suavizado, libertado de sua simbologia bélica. Ele se torna frágil quando está nu com o resto do corpo.

28



29



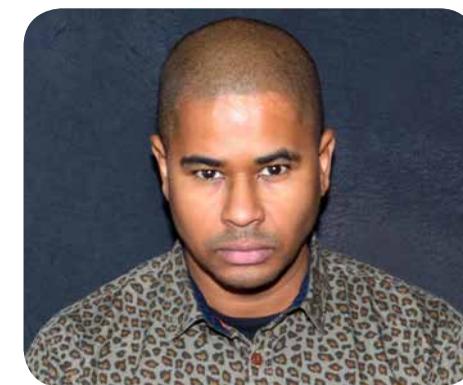


Mesmo com o corpo em evidência, há uma interação com objetos, máscaras e tecidos que tensionam o que está oculto e o que é revelado. Às vezes, os rostos são obscurecidos enquanto os genitais são mostrados, e vice-versa. A nudez acaba por representar a atemporalidade do eu e da humanidade bem como se torna um veículo para um espaço estético que exala elegância, aceitação e beleza.

Marçal até acredita que há uma maior aceitação mundial das representações de corpos nus. Porém, curiosamente, o artista nunca expôs no Brasil (“quero expor na minha terra”). Ao ser perguntado em uma entrevista para a revista Vogue, em 2021, sobre as razões disso, é bem direto: “Nunca fui convidado”. Isso é claro que revela como funciona o sistema de Arte no país que, mesmo num processo de decolonização e revisionismo das produções de pessoas pretas, continua inviabilizando e censurando produções queer.

Não existe arte sem liberdade. Para mim é inimaginável criar com base numa agenda que não seja a minha própria. Eu faço arte para ser livre, e claro, tentar libertar o espectador também. Meu trabalho é livre, quero que ele tenha vida própria. — para a revista Vogue, em 2021.

“Não temam o corpo, o falo ou o coração” é o recado que Marçal deixa não só para aqueles que pretendem trabalhar com a nudez na Arte, mas para todos que pretendem transformar a si mesmos e ao mundo. **8=D**



O fotógrafo.



Falo de História

por Filipe Chagas

Norval Morrisseau

1931-2007

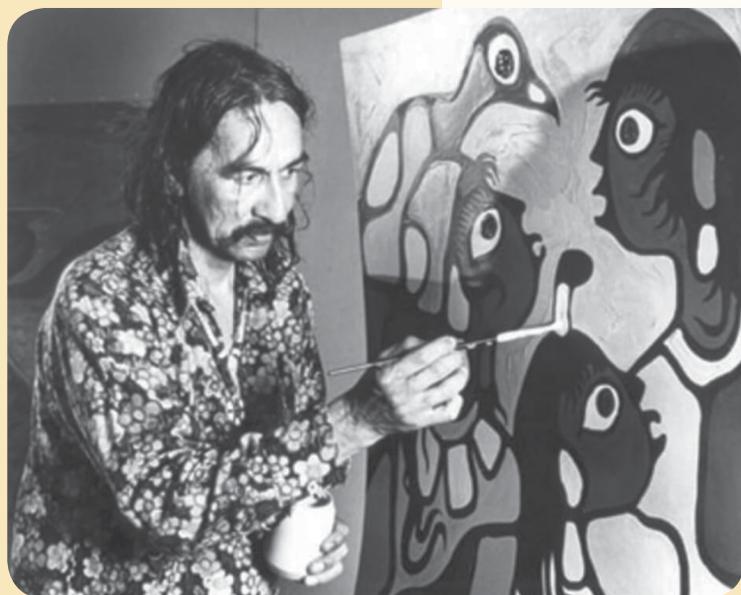


Mais velho de cinco filhos, o artista anishinaabe* **Norval Morrisseau** (1931-2007) nasceu numa época em que os povos indígenas do Canadá eram confinados em reservas, forçados a frequentar escolas residenciais** e proibidos de praticar atividades cerimoniais tradicionais. De acordo com a tradição de seu povo, foi enviado para morar com seus avós maternos em uma reserva indígena, onde aprendeu as histórias e tradições anishinaabe com seu avô, um xamã treinado na tradição espiritual Midewiwin, e sobre o catolicismo com sua avó.

Aos seis anos, foi enviado para uma escola residencial, onde enfrentou abusos***. Depois de quatro anos, ele retornou à reserva para frequentar uma escola pública. No entanto, Morrisseau não era como as outras crianças da sua comunidade. O jovem artista preferia passar o tempo na companhia dos mais velhos, ouvindo e aprendendo, ou completamente sozinho, desenhando e estudando as pinturas rupestres locais e, assim, abandonou a escola aos dez anos. Mesmo sem qualquer formação artística formal ou apoio dos membros de sua comunidade, ele queria desenhar coisas sobre as quais tinha ouvido falar ou seres espirituais que surgiram como visões.

Aos dezenove anos, Morrisseau ficou gravemente doente e sua família organizou uma cerimônia de cura, durante a qual ele recebeu o nome de *Miskwaabik Animiiki* (Pássaro Trovão de Cobre). Aos 23 anos, o artista contraiu tuberculose e foi enviado para um sanatório, onde conheceu Harriet Kakegamic, uma paciente da comunidade Cree, que veio a se tornar sua esposa na década de 1950.

Como muitos jovens artistas, Morrisseau não ganhava o suficiente para viver. Por volta de 1958, ele encontrou um emprego em uma mina de ouro, perto de Red Lake, Ontário. Foi onde conheceu o casal Weinstein, Joseph e Esther, que se formaram como artistas em Paris e desenvolveram laços com a cena da arte moderna europeia. Esther viu duas obras de Morrisseau em um armazém local e quis conhecer o artista. Quando Morrisseau bateu à porta dos Weinstein, alguns dias depois, com pinturas para vender, o casal rapidamente



* Os Anishinaabe (“as pessoas boas que estão no caminho certo”) são um grupo de povos indígenas culturalmente relacionados, presentes na região dos Grandes Lagos, no Canadá e nos Estados Unidos. Eles incluem os povos Ojibwe (incluindo Saulteaux e Ojibwe), Odawa, Potawatomi, Mississaugas, Nipissing e Algonquin.

** As escolas residenciais foram parte de um sistema educacional criado pelo governo canadense na década de 1880, que funcionou até as últimas décadas do século 20 e separou as crianças indígenas das suas famílias, proibindo-as de reconhecer suas culturas ou mesmo de falar suas línguas tradicionais.

*** Por ser um indígena treinado por seu avô desde cedo, Norval afirmava que os abusos sofridos não “entraram na alma” e, portanto, não interferiram em sua produção artística.

Norval Morrisseau pintando enquanto artista residente na *McMichael Canadian Art Collection* em 1979. (Foto: Ian Samson)



Na obra *Sem Título (Ursos fálcos)* – acrílica sobre tela, s.d. – vemos uma figura ancestral com corpo fálico conectado a animais espirituais, como ursos, passáros e peixes.

o acolheu. O artista passava horas lendo livros de arte e, discutindo arte com os dois, passou a se considerar um artista profissional “no sentido ocidental” e não um produtor de souvenirs turísticos. Esta aliança casual entre um homem indígena e um casal cosmopolita deu a Morrisseau uma compreensão mais ampla da arte.

Na mesma época, Morrisseau também foi apresentado a Susan Ross (1915-2006), uma gravadora e pintora que se especializou em pintar retratos de povos indígenas locais em estilo pós-impressionista. Morrisseau enviava de trem suas pinturas para Ross vendê-las e, com o

lucro dessas vendas, Ross comprava materiais de arte para Morrisseau.

Em 1960, Morrisseau foi apresentado a Selwyn Dewdney (1909-1979), um antropólogo e artista que registrava locais pictográficos. Dewdney compartilhou com Morrisseau seu interesse pela pintura mural mexicana de Diego Rivera (1886-1957), a arte surrealista de Salvador Dalí (1904-1989) e obras de artistas vanguardistas como Picasso (1881-1973) e Matisse (1869-1954). Ao contrário dos Weinstein que forneceram materiais de arte de alta qualidade como papéis e guaches, Dewdney encorajou o artista a trabalhar em meios tradicionais como casca de bétula e

couro. Morrisseau, por sua vez, compartilhou seu conhecimento cultural da arte rupestre com o antropólogo, que estudou e escreveu sobre o assunto. A parceria dos dois resultou no livro *Legends of My People: The Great Ojibway*. Acredita-se que Dewdney pressionou Morrisseau a assinar seu trabalho em silábica Cree, um alfabeto que o artista aprendeu com sua esposa.

A notícia da arte de Morrisseau se espalhou e, em 1962, Jack Pollock (1930-1992), um galerista de Toronto, decidiu expor o trabalho de Morrisseau, marcando a primeira vez que um artista indígena exibiu trabalhos numa galeria de arte contemporânea no Canadá. A mídia saudou a estreia como um novo desenvolvimento na arte canadense. Todas as pinturas vendidas foram no primeiro dia, o que fez de Morrisseau um artista famoso e uma figura pública. Seu sucesso também gerou interesse no trabalho de outros artistas indígenas em todo o Canadá. Os colecionadores começaram a levar mais a sério as artes indígenas contemporâneas.

No entanto, todo sucesso tem dois lados e as críticas à sua arte baseadas em visões colonialistas, bem como, a invasão de sua privacidade, deixou o artista incomodado:

Estou cansado de ouvir falar de Norval, o bêbado, de Norval com ressaca, de Norval na prisão, de Norval dilacerado por sua lealdade tanto ao cristianismo quanto aos velhos costumes indianos... Eles falam sobre esse homem torturado, Norval Morrisseau - eu não sou torturado. Eu me diverti muito. Passei momentos maravilhosos em minha vida.
— Morrisseau, em entrevista dada ao Toronto Star, em 1975.

Androginia, acrílica sobre tela, 1983. Esta obra de 3,6 x 6,1 m apresenta Norval como o Pássaro Trovão centralizando a ideia de que todos estamos conectados independente de raça ou gênero.

Em 1965, a Fundação Glenbow, em Calgary, comprou onze obras de Morrisseau, o que levou a uma exposição no Musée du Québec, no ano seguinte, sinalizando um crescente interesse nacional no trabalho do artista. Inclusive, ele foi um dos nove artistas indígenas contratados para criar trabalhos para o Pavilhão dos Indígenas do Canadá na Expo 67 em Montreal. Seu mural exterior em grande escala mostrava filhotes de urso sendo amamentados pela Mãe Terra, e quando os organizadores levantaram preocupações sobre esta imagem ambientalista

pouco ortodoxa, Morrisseau decidiu abandonar o projeto em vez de censurar seu desenho – que foi alterado e concluído por Carl Ray (1943-1978). Através dessa comissão, porém, Morrisseau conheceu Herbert T. Schwarz (1921-), consultor do pavilhão e galerista, que o encorajou a ilustrar lendas tradicionais anishinaabe para um livro.

Schwarz também organizou as primeiras exposições internacionais de Morrisseau: em 1968 na Art Gallery of Newport, em Rhode

Island, EUA, e, em 1969, na Saint Paul Galerie em Saint-Paul-de-Vence, no sul da França. Estas mostras estabeleceram a reputação internacional de Morrisseau, que se tornou amplamente conhecido como “Picasso do Norte”.

Em 1971, a artista Daphne Odjig (1919-2016) fundou a Professional Native Indian Artists Inc. (PNIAI), que ficou conhecida como Indian Group of Seven, para promover e apoiar artistas indígenas em todo o Canadá e para mudar a percepção do público sobre eles. Mesmo assim,





Neste desenho, Norval se retratou em um ritual de comunicação e transformação com um alce espiritual. É possível ver um chifre aparecendo na cabeça de Norval, bem como suas pernas ficando iguais aos do alce.

as instituições permaneciam divididas entre arte etnográfica e arte contemporânea: por exemplo, o Royal Ontario Museum e o Museu da Civilização não sabiam como catalogar ou expor as obras que adquiriram de Morrisseau.

Em 1974, Odjig fundou a New Warehouse Gallery com uma exposição inaugural que contou com mais de duzentas obras, entre elas, algumas de Morrisseau, o que ajudou a chancelar a arte indígena contemporânea. Na mesma época Morrisseau, junto com seu cunhado Johim Kakegamic (1952-1993) e Carl Ray, trabalhou para aumentar a conscientização sobre a arte indígena, participando de uma série de oficinas educacionais organizadas pelo Departamento de Ontário de Educação em escolas locais e clubes comunitários. Nessas oficinas, os três artistas apresentavam suas abordagens à pintura e ao desenho, ao mesmo tempo que demonstravam uma forma de narrativa visual.

Quando três cunhados de Morrisseau formaram a Cooperativa Triple K – uma empresa de serigrafia projetada para dar aos artistas indígenas controle sobre a arte que produziam e acesso a novos públicos indígenas e convencionais – o artista também passou a produzir artes gráficas. Ele percebeu o potencial de reprodução das gravuras como uma forma de divulgar seu vocabulário artístico e, assim, fortalecer o movimento que precisava ser levado a sério no cenário artístico canadense.

Embora este período tenha sido de imensa produtividade artística, Morrisseau continuou a lutar contra o alcoolismo, que o atormentava desde a juventude. Em 1973 ele foi preso por embriaguez em público e encarcerado por seis meses. Ironicamente, foi uma época de grande trabalho para o artista, pois ele tinha muito tempo para pintar na cela adicional que recebeu para usar como estúdio de arte.

Em meados da década de 1970, Morrisseau foi apresentado ao movimento espiritual Eckankar, que combina tradições espirituais orientais da Índia e da China, e logo começou a se apresentar como um artista xamã para além dos rígidos protocolos da cultura anishinaabe.

No outono de 1978, Morrisseau foi nomeado para a Ordem do Canadá em reconhecimento às suas contribuições à arte canadense. Ele já havia recebido a Medalha do Centenário do Canadá (1968) e sido nomeado membro da Royal Canadian Academy of Art (1973), mas esta honra solidificou sua reputação como artista de estatura nacional e internacional.

Na década de 1980, ficou claro que Norval Morrisseau havia inspirado uma nova geração de artistas. Uma exposição intitulada “Norval Morrisseau e o surgimento dos criadores de imagens”, em 1984, celebrou a importância do artista como pioneiro de um movimento artístico chamado Woodland School.

No início de 1987, mesmo com seu trabalho sendo celebrado em uma série de eventos de arte, Morrisseau, que estava sóbrio há vários anos, voltou a beber e chegou a ser descoberto morando nas ruas do centro de Vancouver. A imprensa o atacou e, mesmo recuperado, decidiu não dar atenção à mídia, recusando entrevistas e aparições na TV para se concentrar em sua espiritualidade.

Em 1989, chegou a ser incluído numa importante exposição internacional de arte no Centre Georges Pompidou, em Paris, porém, por mais de uma década depois, envelhecido e sofrendo da doença de Parkinson, Morrisseau se manteve isolado para continuar criando.

Isso mudou em 2006, quando a Galeria Nacional do Canadá montou uma retrospectiva da obra de Morrisseau, a primeira de um artista indígena contemporâneo. O público passou a compreender a importância do artista para a história da arte canadense. Infelizmente, no ano seguinte, Morrisseau morreu de complicações relacionadas à doença de Parkinson.



O grande alce espiritual se conecta a todos através da energia fálica: tanto os seres ancestrais (vistos abaixo), quanto os animais e as pessoas que se encaminham para árvore da vida – que também se conecta aos chifres do alce.



Na página anterior, o *Xamã Fállico* (1989) representa Norval num ato masturbatório para elevar sua energia e, assim, se transformar em um urso (veja as orelhas começando a surgir em sua cabeça). Os outros pênis presentes na representação podem significar tanto a presença de outros homens durante o ritual quanto a conjuração de outras forças fálicas para potencializar a transformação.

Ao lado, a obra *Tenda fállica agitada* mostra um ritual de iniciação. Dentro da tenda abaixo, existe um jovem assustado, cercado por animais protetores que aguardam a chegada do xamã Norval para transmitir todos os conhecimentos ancestrais da Mãe-Terra/Tartaruga. Pequenas linhas vibratórias saem do pênis da tartaruga em direção ao anus de um Norval conectado a seres ancestrais.





Neste díptico, Norval quis mostrar a comunicação entre sua filosofia a religião. Norval está no centro da obra, como um urso espiritual. Aqui temos um homem branco que aceitou a filosofia de Norval e já está conectado à Natureza, mostrando o falo ereto e iniciando um processo de transformação em urso (veja as orelhas na cabeça).



Aqui temos um indígena católico – veja a diferença na cor da pele com o homem branco, o aro ao redor da cabeça e a ausência de pênis – se permitindo conversar com Norval (linhas verdes que saem da boca e grande pênis em contato) e, assim, a Natureza começa a surgir ao redor dele.

A ARTE NÃO-ERÓTICA DE MORRISSEAU

É fundamental entender que a narrativa visual de Morriseau busca uma espiritualidade distante do conceito de igreja ou Deus. A cultura anishinaabe conta que dois seres energéticos sem gênero saíram do Grande Lago para ensinar e isso nos revela que a concepção binária é vista de outra forma, uma vez que, se todos somos energia, gênero é um conceito que não importa.

Essas informações são importantes para abordarmos a arte de Morriseau pelo viés da sexualidade. A bissexualidade do artista – que é citada tanto como motivo de orgulho quanto de chacota – não existe: se somos energia, não há uma única e rígida orientação sexual, mas um desejo independente de gênero. Morriseau dizia:

*Eu sou tudo, eu sou
“experimentosexual”. LGBTQIAPN é
igual a E, E de energia.*

Nesta filosofia, o sexo se torna um ritual essencial de produção de energia. A masturbação se torna treinamento de controle e produção de energia, assim como, o ato sexual consentido é um momento de troca de energia, de conhecimentos, um momento



Neste díptico, temos Norval em troca energética com uma mulher e com um homem. Com a mulher, é possível ver a árvore da vida emergindo do ato; com o homem, Norval se apresenta como xamã, num ritual de transferência de conhecimento.



Nestas três obras, o grande falo é o conduíte da transformação espiritual.



de comunicação, e, assim, os órgãos são vistos como conduítes de energia. Dito isso, cenas de sexo, masturbação ou grandes pênis na arte de Morriseau devem ser analisados por esse ponto de vista ao invés de um erotismo construído por um sociedade religiosa pudica. Muitas das imagens com falos mostram conexão, comunicação e também transformação, pois a energia produzida era capaz de elevar o espírito.

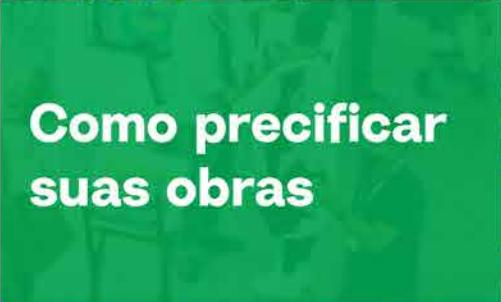
Em relação às composições pictóricas, as cores vibrantes representam o mundo natural tanto quanto os planos espirituais apresentados em suas visões. As fortes linhas pretas de contorno vem de duas fontes de inspiração: os vitrais das igrejas (que sempre o impressionaram pela força da cor e da imagem) e os quadinhos (que encontrava no lixo e se tornaram a única forma de aprender sobre o “homem branco”), e elas são a conexão entre todos os personagens representados. Essas características artísticas se assemelham ao dito primitivismo construído pelos europeus e, principalmente, ao sintetismo de Paul Gauguin (1848-1903) e comprovam que a produção de Morriseau sempre esteve na vanguarda. **8=D**



Planejamento financeiro para artistas



Como responder aos editais



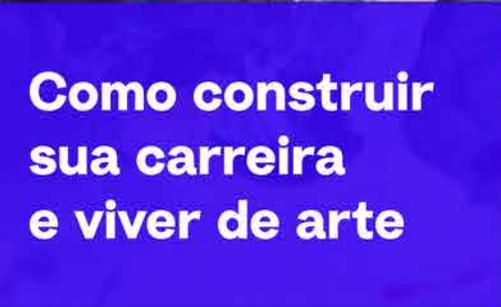
Como precificar suas obras



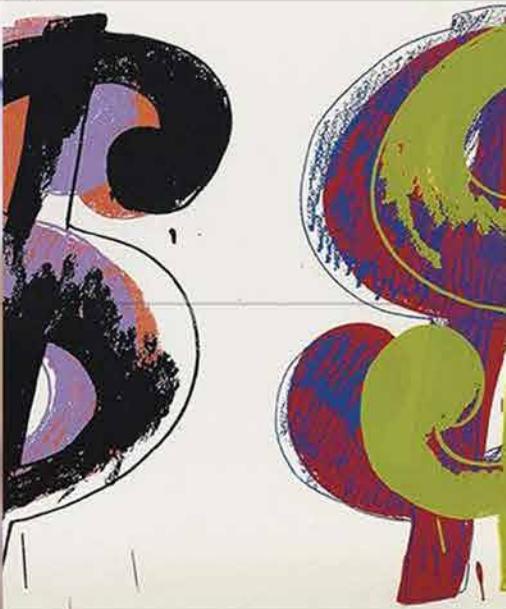
Como criar seu portfólio



Entendendo o sistema da arte



Como construir sua carreira e viver de arte



Faça você também nossa formação.

vorticecultural.com

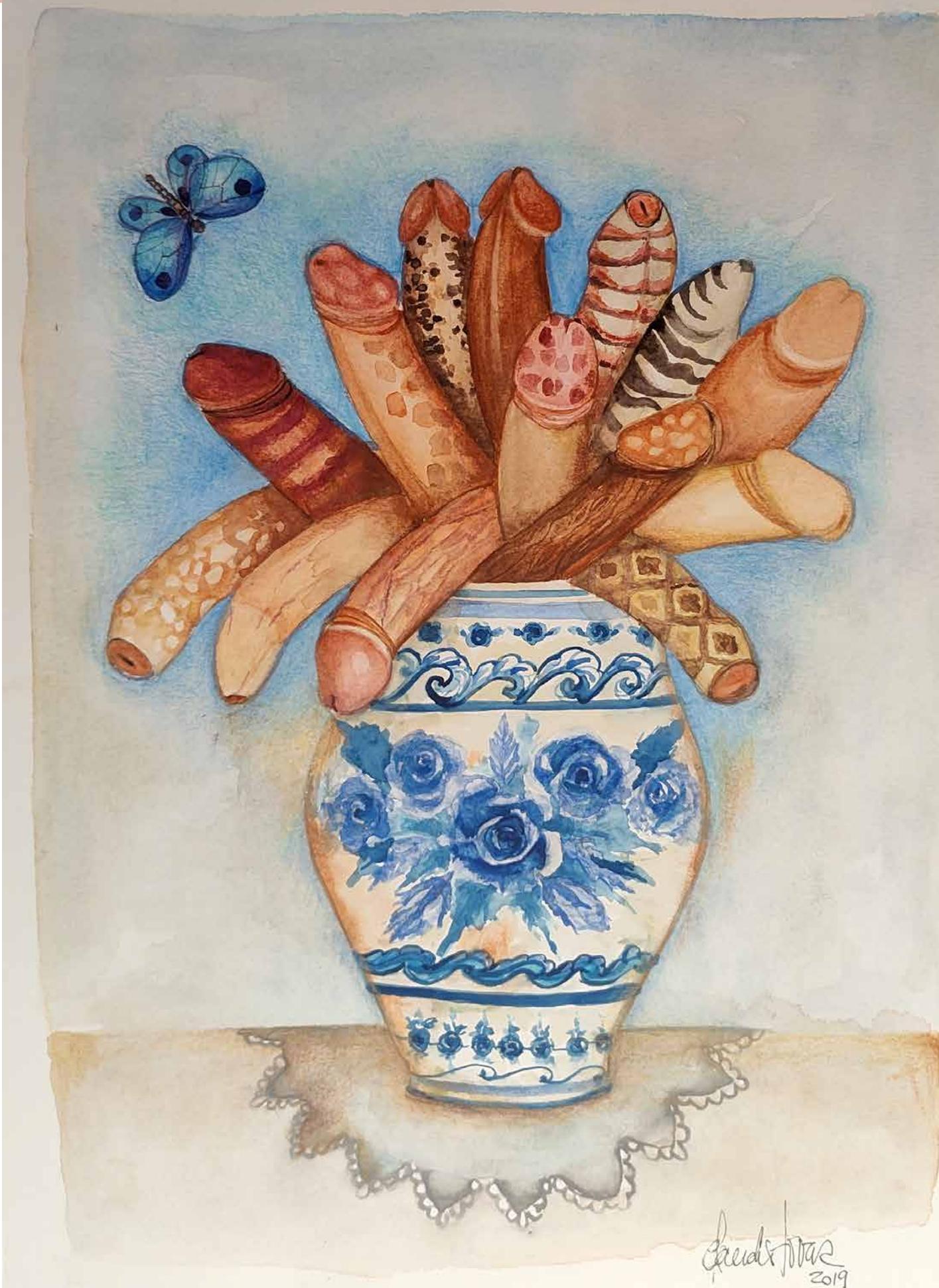
**VÓR
TICE**

É bem possível que você já tenha ouvido falar em **Claudio Tovar**. Seja em novelas, filmes, peças de teatro ou nos *Dzi Croquettes**. Para além dessa figura pública, Tovar tem uma história dentro da Arte que vale conhecer:

Nasci em Vitória (ES), onde fiquei até meus 18 anos. Um dia resolvi ir para o mundo, sem destino certo. Segui para Brasília, que havia sido inaugurada poucos anos antes, e fui porteiro de obra. Assisti a uma aula de História da Arte e outra de Desenho de Observação junto com os alunos da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília, e fiquei fascinado! Era o mundo que estava procurando! Fiz o vestibular, estudando na guarita da obra, e passei. Me tornei um aluno de Arquitetura da UnB e o mundo se abriu para mim. Formado cheguei no Rio de Janeiro e trabalhei com cenografia de Teatro e Cinema. Já tinha experimentado entrar em cena no Teatro Universitário, mas quando entrei nos Dzi Croquettes... foi um caminho aberto para mil manifestações artísticas! O sucesso do grupo me levou à Europa e me tornei um bailarino.

Mesmo com essa trajetória, nunca abandonou suas origens no desenho como o principal meio de expressão. Quando viajava, levava seu

* Os *Dzi Croquettes* foram um grupo teatral que atuou entre 1972 e 1976, no Brasil e na Europa, e se destacou pelo seu visual exuberante e pelas suas esquetes musicais irônicas e andróginas em meio à Ditadura Militar no país.



material de aquarela (“resultado de anos de trabalho, como bolsista, documentando a vegetação do cerrado”) e se entende como uma “mistura de todas as atividades artísticas” que vivenciou.

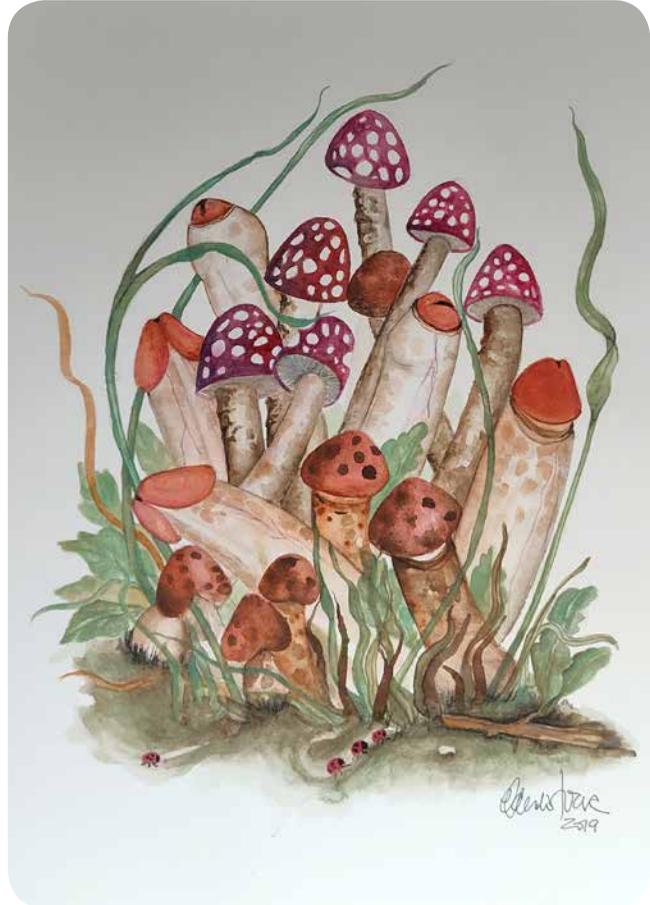
Tendo em mente que é preciso conhecer a forma para poder quebrá-la – um conceito fundamental na história da Arte –, o processo criativo de Tovar é espontâneo. Por mais que exista um gatilho inicial de produção, é a imaginação livre que conduz sua criação:

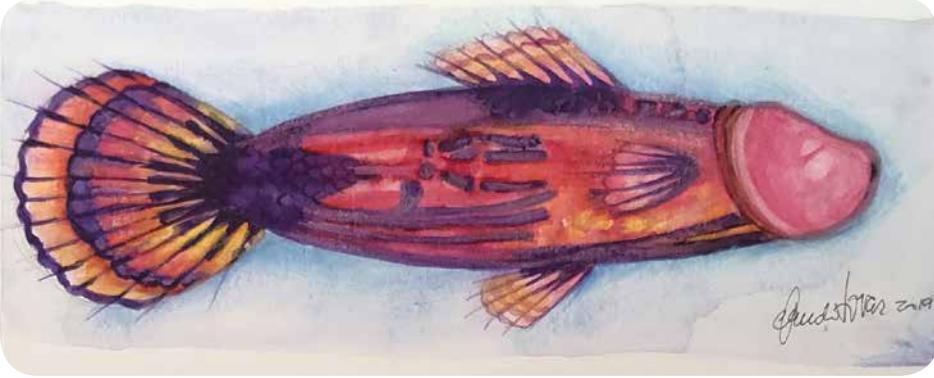
O resultado é uma surpresa até pra mim. Depois de pronto, não vejo mais o trabalho. Gosto do processo criativo, o resultado eu abandono imediatamente.

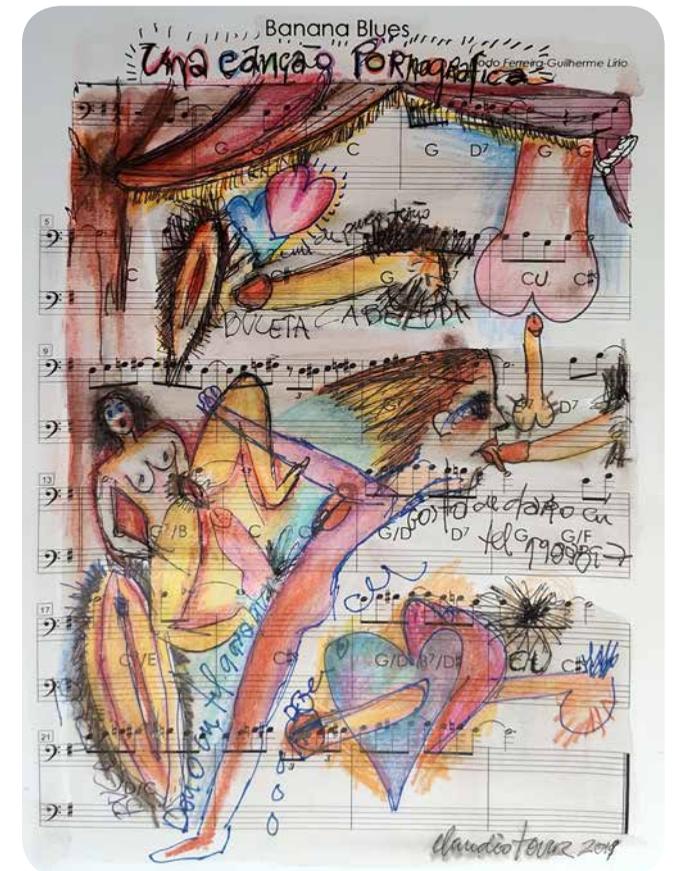
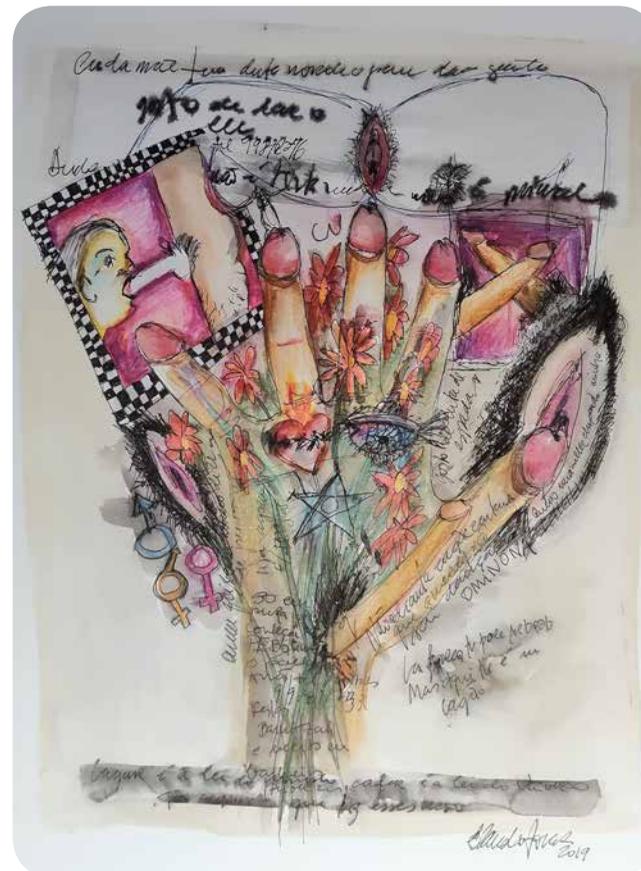
Atualmente tem trabalhado com reciclagem de materiais e upcycling, para questionar o desperdício e consumo excessivo. Também tem se aventurado em trabalhos de teor erótico que serviram para ultrapassar as próprias barreiras.

O corpo humano, masculino ou feminino, sempre foi exaltado pelos grandes artistas e é belo! Por que não ir fundo e trabalhar em cima desse tabu? Por que não fazer disso uma coisa bela e criativa? O erotismo é infinito cheio de fantasias, com muito mais a explorar. Foi uma porta nova aberta.

Porta essa que Tovar associou às de banheiros públicos, cheias de desenhos eróticos, ou nas páginas do *Kama Sutra* que remetem a posições extravagantes. O pênis virou peixes e vegetais; a vagina se tornou mexilhões e frutas. Aos 80 anos, Tovar deseja continuar questionando e quebrando tabus através de suas criações.







SEJA MAIS.

ben feita ria

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

www.benfeitoria.com/falomagazine

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês
agradecimento na Falo

PARCEIRO DA FALO

R\$15 / mês
agradecimento na Falo e spoiler por e-mail

VIP DA FALO

R\$20 / mês
agradecimento na Falo e revista bimestral com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês
agradecimento na Falo, revista bimestral com antecedência e os anuais em inglês por e-mail

www

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Orlando Amorim, Marcos Rossetton, Maria da Graça, Rafael Pentagna, Silvano Albertoni, Christopher Norbury, Daniel Tamayo, Eduardo Filiciano, Giovanni Ravasi, Paulo Cibella, Rafael Nogueira, Victor Barbosa e benfeitores anônimos.



Guilherme Corrêa convida Edu Devens

FALÓFORO



Foto: Guilherme Corrêa. Modelo: Anônimo.

CUECAS



rn

www



SUNGAS

Modelo: Flavio B.

Falo Fashion!

por Marcos Rossetton

Vamos começar criando alguns acordos e organizando o entendimento sobre essa matéria. Primeiro, ela não se trata de uma abordagem sobre a história da moda e da indumentária. Sendo assim, os apontamentos não serão cronológicos, porém, estarão contextualizados.

Segundo, devemos resgatar, protagonizar e elevar o assunto moda também como ponto de vista de linguagem do fazer artístico. Sabemos que há os suportes clássicos, como o desenho, a pintura e a escultura, e outros mais contemporâneos, como a performance e a videoarte. A moda exerce também a percepção de ser uma plataforma de expressão visual e criativa, provocando o público, expondo reflexões e emoções, criando inclusive um vasto acervo museológico no mundo inteiro, com roupas-esculturas originais, curadorias específicas para exposições e a existência de espaços de arte destinados para a indumentária e seus acessórios. Portanto, como materialidade do pensamento artístico, estilistas são verdadeiros artistas visuais, não só para a moda, mas também para uma cadeia específica do mercado das artes.

Por fim, não há aqui nenhuma pretensão em esquentar qualquer discussão sobre moda ser Arte ou não. A ideia aqui é trazer curiosidades, propostas e referenciais sobre as tendências do vestir-se, da criação de roupas e processos de inspiração para coleções da moda por designers contemporâneos, e fazer uma polêmica: a atenção está voltada para a nudez – oculta ou explícita – e da genitália fálica como tendência fashion!

QUEBRA DE PADRÕES INTERNACIONAIS

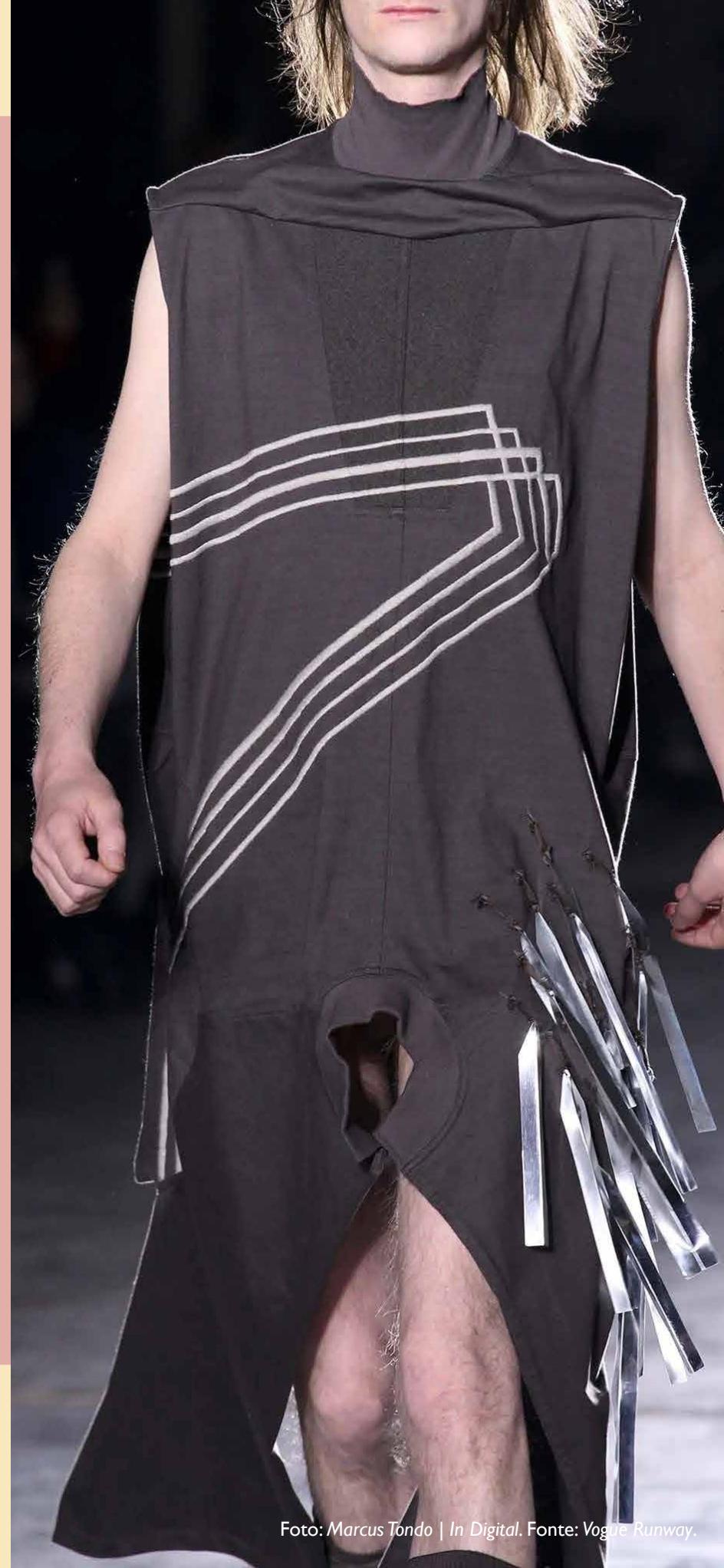
Passarelas de moda são plataformas de divulgação, exposição, marketing e espaços laborais para marcas e estilistas. Ainda possuem holofotes maiores para o segmento dito feminino, se comparado à abertura e exposição para o segmento dito masculino, pois a moda ainda tem uma construção binária que rende fortunas incalculáveis e sustenta a própria indústria e a cultura da moda. Ou seja, é muito difícil mudar essa cadeia de capitalista global!

O corpo na passarela precisa ter uma silhueta feminina padrão, porém, esse padrão estético beira a irrealidade – já até foi anoréxico. Pressões sociais e manifestações de ativistas em passarelas importantes tem procurado fazer mudanças, e, por isso, o corpo gordo (plus size), negro (retinto), trans (feminino e masculino) e de pessoas PCDs são vistos com mais frequência em semanas e coleções de moda. Entretanto, a exposição do corpo nu ou seminú – principalmente se for um corpo com falo – é um capítulo delicado: sim, o **Falo Fashion** ainda é um tabu! Mas não para todos os estilistas... veja só:

RICK OWENS

O estilista britânico Rick Owens apresentou “Esfinge”, sua coleção masculina outono / inverno de 2015, onde as roupas possuíam fendas e orifícios que desvendavam a nudez frontal do corpo em plena caminhada do *catwalk*. Causou frisson no público da primeira fileira de assentos, gerando risos nervosos, sussurros e gritinhos pelos convidados: um verdadeiro momento fashion – viralizando na ocasião a hashtag *#dickowens!* O designer se inspirou num antigo filme francês ambientado em um submarino (por isso os orifícios em alusão às janelas dessas embarcações). Bem subliminar o designer escolher colocar a janela na virilha de alguns de seus modelos! A plateia certamente se afogou! A leitura visual das modelagens de algumas peças lembrava os *glory holes*, mas aí já é uma licença poética queer!

Fazer o que Owens propôs é subversivo ao inverter o olhar binário e machista sobre os *catwalks*, literalmente lançando a tendência “pau na cara” no conglomerado da moda, com irreverência, atrevimento, criatividade e ousadia. Isso é muito poderoso e, ao mesmo tempo, diz algo sobre ser independente e livre.



VIVIENNE WESTWOOD

A estilista britânica responsável por evidenciar a moda punk e new wave nas décadas de 1970 e 1980, é recorrente em polêmicas, com sua marca transgressora no mercado da moda, onde sempre expõe roupas com estampas temáticas sexuais. Na edição masculina da London Fashion Week 2016/17, Westwood mostrou o falo em acessórios incorporados nas roupas e em joias. Um exemplo emblemático foi uma bolsa preta, modelo clutch com estampa fálica que repercutiu nas redes sociais após a cantora Rihanna usá-la em 2013. Claro que a provocação da popstar dividiu opiniões com mais de dois mil comentários nas redes: “Isto é um pênis?”, “E desde quando uma mulher madura é uma vadia por querer um pênis?” e “Amo sua atitude, você sempre mostra um lado sexy. Não tem medo de mostrar sua sexualidade”.

Sapato Pênis. (Fonte: Divulgação da marca)

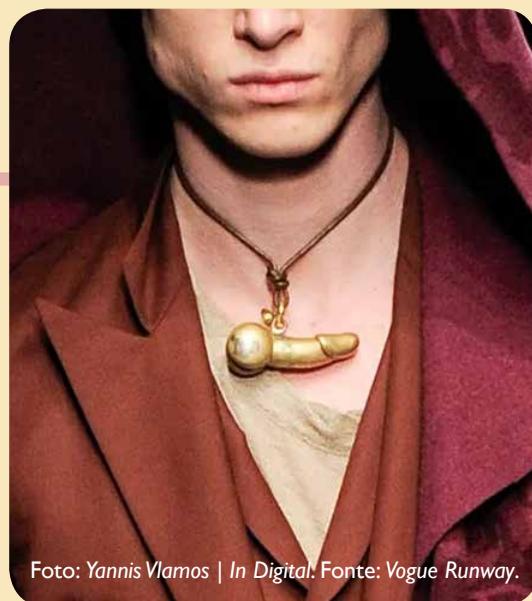


Foto: Yannis Vlamos | In Digital. Fonte: Vogue Runway.



Foto: Yannis Vlamos | In Digital. Fonte: Vogue Runway.

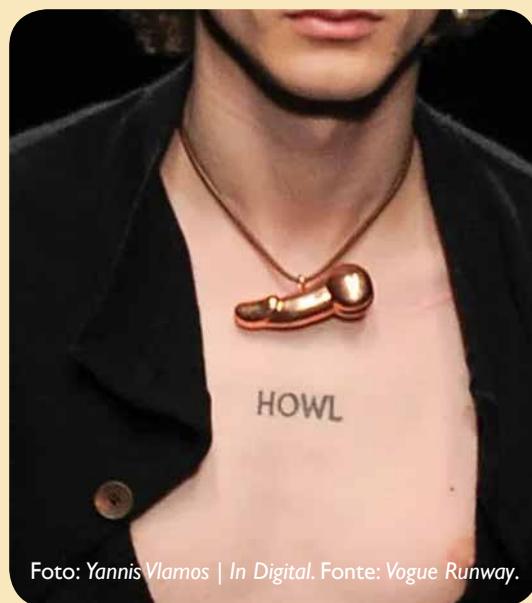


Foto: Yannis Vlamos | In Digital. Fonte: Vogue Runway.



Foto: REX/Beretta/Sims.

WALTER VAN BEIRENDONCK

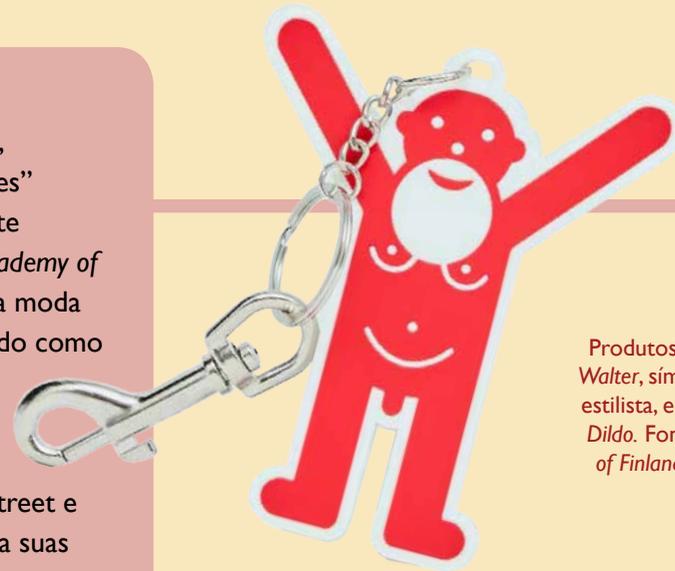
O estilista belga e “urso” é um nome de peso da alta costura, que efetivamente já abusou da imagem de “homens lenhadores” e o biotipo dos “ursos” na passarela tradicional. Recentemente Beirendonck foi chefe do departamento de moda da *Royal Academy of Fine Arts Antwerp*, onde por mais de três décadas apresentou a moda belga para o mundo, com senso de ironia e um sarcasmo afiado como um bisturi.

O estilista é lido na crítica da moda como um visionário, canalizando inspirações nas artes, na música pop, na cultura street e contemporânea, envolvendo tecnologia e ficção científica para suas coleções de moda radicais e pós-modernas, onde constantemente estimula sua clientela com sensações que envolvem todos os sentidos humanos. Em seu vasto histórico, aparecem roupas com estampas de dildos, acessórios com objetos fálcos em evidência, e até personas alienígenas com suas genitálias à mostra.

A alfaiataria conceitual de contornos inusitados é o destaque de suas coleções, mescladas com essas influências ecléticas e apresentadas em estampas ousadas com slogans irreverentes para sua moda masculina. Tendo Robert Mapplethorpe como uma de suas inspirações, em sua coleção primavera / verão 2010, Beirendonck trouxe seus “ursos”, não de pelúcias, mas grandes homens peludos para apresentar a coleção usando camisetas “Wonders” com todos os “membros” à mostra! Meu pai, me abana!

Na *Tom of Finland Store* não é difícil achar peças mais comerciais do estilista com estampas fálcas. Outra referência icônica é uma imagem de Beirendonck com um chapéu feito de papel machê (*Sexclown*) em formato de pênis, feito em parceria com a chapelaria de Stephen Jones, que também criou os “capacetes fálcos”. O chapéu foi confeccionado enquanto ele questionava assuntos sociais mais críticos: afinal, o falo é fashion e também político!

A verdade é que Walter Van Beirendonck não foge do sexo. Sejam sapatos brilhantes enfeitados com falos, chapéus para compor seu *styling* e DNA em forma de galo ou estampas com slogans gigantescos, o estilista usa a moda como meio de abordar questões importantes e muitas vezes delicadas, como fetichismo, racismo, BDSM e prevenção ao HIV. O estilista é também um inquisidor dos padrões sociais e das convenções na moda com relação ao “tradicional masculino e feminino”, vestindo, assim, homens com saltos altos, espartilhos e saias. Não é à toa que Beirendonck é convidado para *collabs*, como, por exemplo, figurinos para Marina Abramovic.



Produtos com o Walter, símbolo do estilista, e o Wildo Dildo. Fonte: Tom of Finland Store.



Fonte: Dressed for Dinner.



Burca Explicit Warning. Foto: Maison Klaus. Fonte: Instagram do estilista.

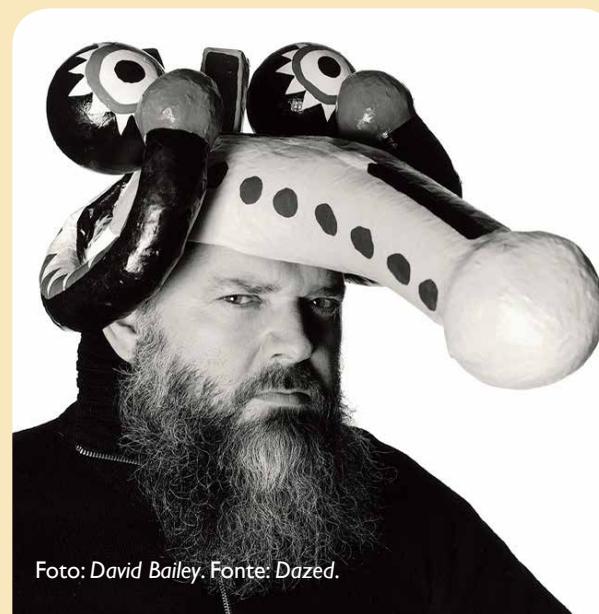


Foto: David Bailey. Fonte: Dazed.

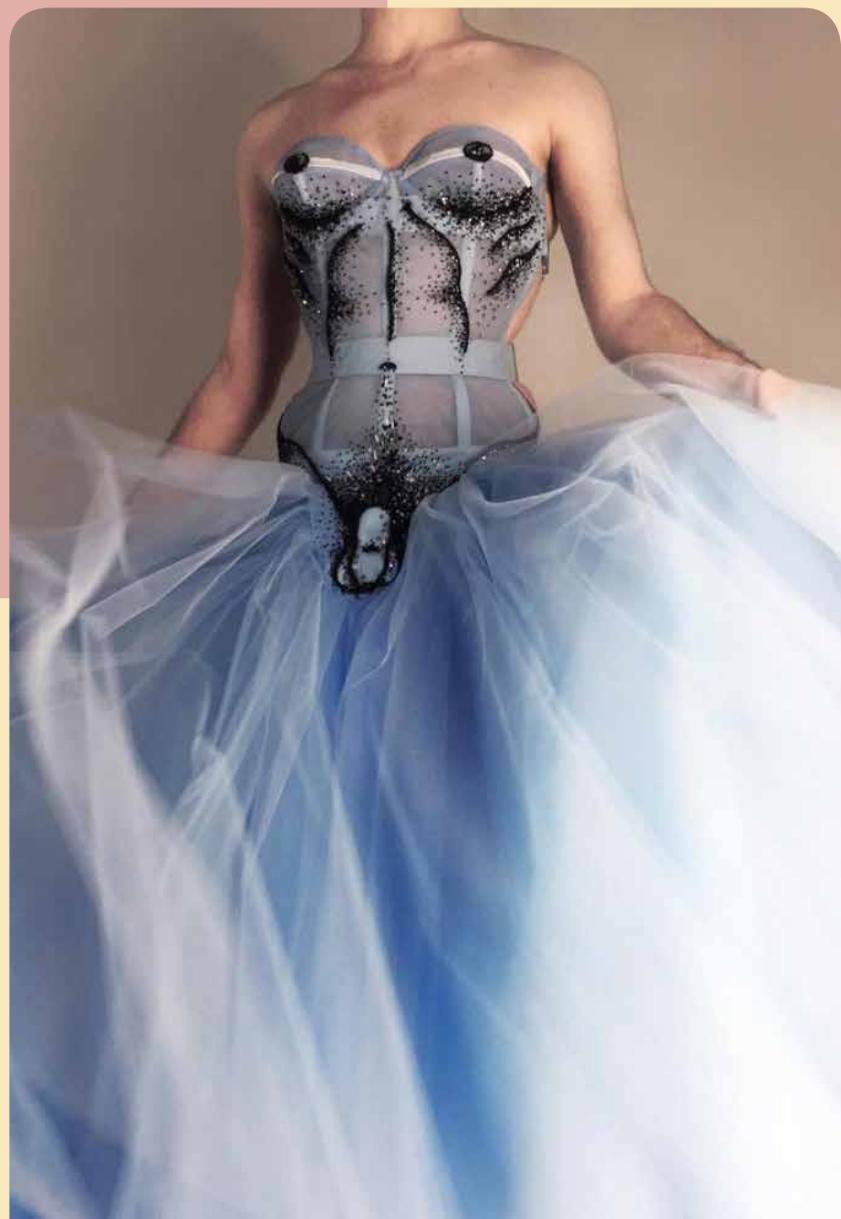
W<, coleção Paradise Pleasure Productions (1995). Fotos: Mondino. Fonte: Instagram do estilista.



DARIO PRINCIOTTA

O talentoso costureiro italiano é especializado em construções artesanais de espartilhos. Os espartilhos (“corset”, em francês) foram pensados principalmente no meio aristocrático francês e espanhol, cujo seu propósito era acentuar as formas da cintura, levantar os seios e corrigir a postura feminina nas mulheres do século 16. A peça ganhou contextos fetichistas e foi ressignificado por infinitos estilistas, como o famoso sutiã em cone a la Jean-Paul Gaultier (que confeccionou nos anos 90 o corset de Madonna para a *The Blond Ambition Tour*). Porém, o que propõe Princiotta à essa peça clássica é a imagem não-binária com posicionamento crítico, reflexivo e criativo sobre o que deve ser a roupa para o feminino ou para o masculino.

A figura de Princiotta já traz uma persona com imagem ambígua e provocativa, mescladas em referências da *Belle Époque*. Em uma, entre tantas peças emblemáticas criadas pelo design, está o vestido do “viúvo alegre” (*The Merry Widower*), de 2021, que não existe mais. Seu primor técnico e a habilidade como costureiro é absurda, bordando seu viúvo manualmente com fios invisíveis e lantejoulas em tules finos, além da utilização de miçangas, ladrilhos e canutilhos, na construção de um belo vestido-corset com bordado fállico, provocando a reflexão sobre a não binariedade, com sensualidade e delicadeza.



Todas as imagens vieram do Instagram do estilista.

Y/PROJECT + JEAN-PAUL GAULTIER

A marca Y/Project convidou o estilista francês Jean-Paul Gaultier para um collab em outubro de 2022, detalhando um torso musculoso e a anatomia masculina com um efeito de tridimensionalidade na roupa, como um raio-X. Tudo um resgate do DNA da marca – a moda é cíclica, mon amour! – já que Gaultier usou a estampa *The Body Morph Polka Dot* na coleção Primavera Verão de 1996 chamada *Cyberbaba*.



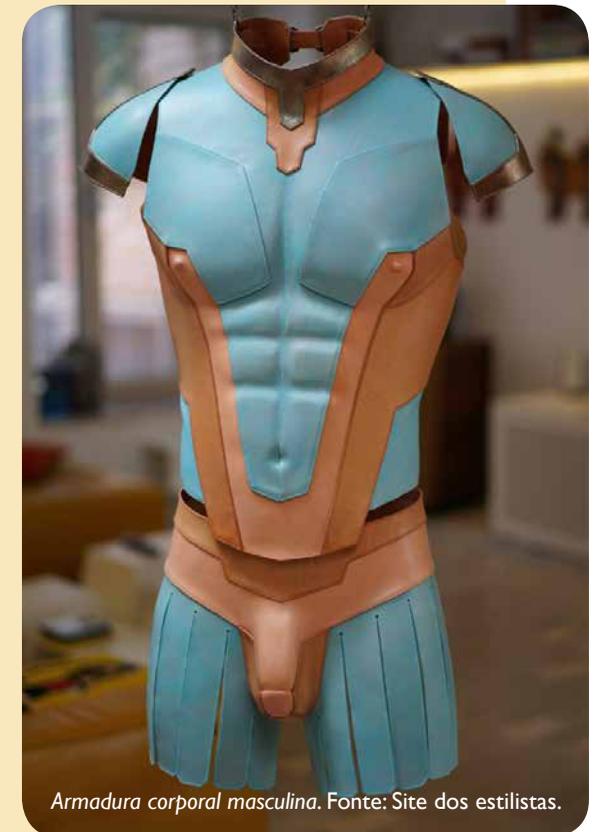
Fotos: Filippo Fior | Gorunway. Fonte: Vogue Runway.

WHITAKER MALEM

A dupla de designers Patrick Whitaker e Keir Malem são conhecidos pelos trajes que incorporam versões contemporâneas para o vestuário de super-heróis da cultura pop. Na autodescrição da dupla (unidos pela arte e pelo amor!), ambos dizem ser obcecados pela forma humana, descrevendo suas roupas-esculturas em um corpo que ocupa o reino fantástico entre arte, moda e o figurino. As criações compostas com o pênis são mesmo arrebatadoras e o preciosismo muito chic!



Cinto Falo. Fonte: Site dos estilistas.



Armadura corporal masculina. Fonte: Site dos estilistas.



Acima, bolsa *Desejo* (Foto: Agência Fotosite) e, abaixo, camiseta *Exu*, do estilista Walério Araújo (Fonte: Instagram do estilista).

72



YES, NÓS TEMOS MODA NACIONAL!

O entendimento sobre o que é a moda brasileira e seus sistemas de produção ainda é considerado recente como uma identidade e um mercado nacional, pois há pouco tempo toda sua estrutura complexa foi incorporada no calendário e no circuito internacional. Portanto, as referências fálicas também caminham de forma tímida, em apresentações experimentais ou bem pontuais em peças e acessórios de roupas, por algum estilista que já traduz em sua própria personalidade alguma irreverência que extrapole a própria moda ou marca.

Este é o caso do pernambucano **Walério Araújo**. Vindo de família de costureiras e bordadeiras, o estilista traz a excelência na manualidade, assim como o humor de um nordestino perspicaz! Podemos citar de WA dois produtos de moda icônicos, humorados e simbólicos: a Bolsa *Desejo* e as estampas de pênis em malharias de blusas e calças. Nas passarelas, os modelos masculinos apresentam a coleção com sungas douradas, cavadas e provocativas! De ficar sem fôlego!

Para a moda fast fashion, citamos a criatividade irreverente das peças da marca paulista *Comfort Pintos*, da artista **Julia Portella**. Pintos são estampados em tudo: camisetas, blusas de moletom, shorts, calças, peças de design (cadeiras, xícaras e porta-retratos) e acessórios (joias, capas de celular e baralhos). Uma overdose da “pintolandia” que traz intervenções provocativas em produtos de moda, design e arte para questionar assuntos sobre o feminismo, o machismo e as normas sociais estabelecidas.



73

Importante citar algumas ações envolvendo a exposição do corpo com falô, envolvendo o estilista **Ronaldo Fraga**, um nome icônico para a história da moda nacional, presente desde a criação da trajetória da moda brasileira, em eventos como *Mercado Mundo MIX*, *Morumbi Fashion* e *São Paulo Fashion Week*. Recentemente o estilista ficou “nu em pelo” na ilustração de capa para o livro “Memórias de um estilista coração de galinha” (Autêntica, 2023), sua biografia redigida em parceria com a jornalista Sabrina Abreu. Bâphnico – o estilista e o falô ilustrado por Felipe Macedo!

Para a festa fashion carnavalesca no Grande Hotel Ronaldo Fraga – um espaço para festas, galeria de arte, bistrô e loja em sociedade com Ivana Neves – o estilista, maduro e grisalho, colocou o pirocão



Ronaldo com a vestimenta “O rei está nu”.
(Fonte: Instagram do Cabaré da Rosa)



Coleção *E por falar em amor...*, de Ronaldo Fraga. Fotos: Zé Takahashi | Agência Fotosite. Fonte: FFW Uol.

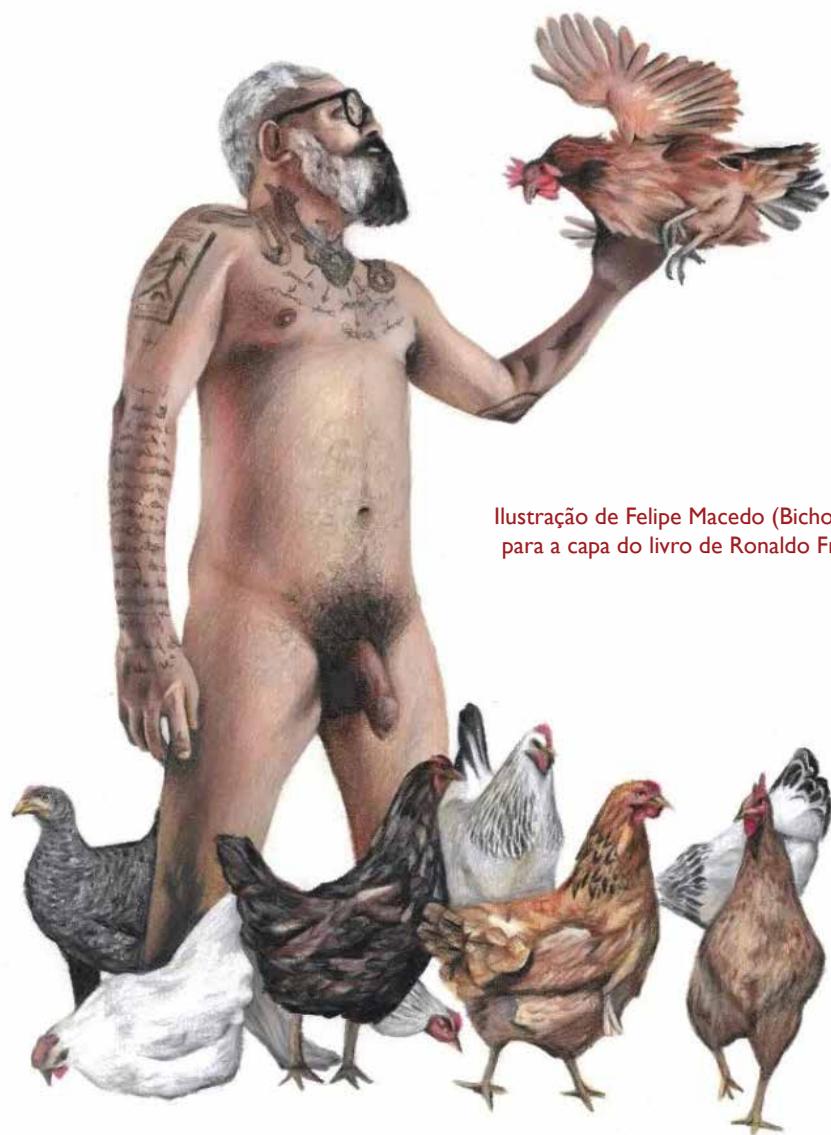
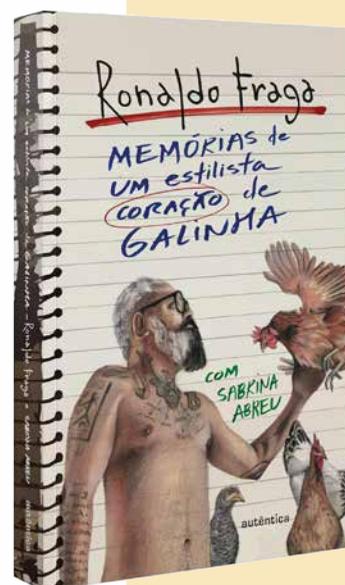


Ilustração de Felipe Macedo (Bicho Nu) para a capa do livro de Ronaldo Fraga.



para jogar em um look peladão inspirado no clássico conto “O rei está nu”, do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen. Dois exemplos que trazem a essência de um verdadeiro sugar daddy de tirar suspiros!

A coleção de inverno 2016 de Fraga teve o tema o amor. O estilista criou peças fluidas, com modelagem tanto masculina quanto feminina. Sua ideia foi transpor o conceito de roupa com gênero, eliminando a ditadura da moda sobre os códigos do vestir. Na passarela, modelos em dupla iniciavam o desfile e, assim que chegavam no final, trocavam de roupa,

saindo um com a peça do outro, criando uma performance que apresentava lingerie bordada com pênis e vagina.

Fraga é um dos principais e relevantes estilistas do país, em sua passarela, já discutiu sobre corpos dissidentes, com modelos exclusivos transexuais, modelos idosos e pessoas PCDs; sempre atento ao seu tempo e entendendo a moda como uma plataforma para reflexões sociais.

Mais recentemente, e não menos importante, a coleção de moda intitulada “Toda Nudez



Foto: Zé Takahashi | Agência Fotosite. Fonte: Site da agência.



Foto: Lucas Sant'Ana. Fonte: Site da Vogue/Globo.

Será Bem Vestida”, apresentada pelo estilista **Rober Dognani** na 53ª edição da Casa de Criadores, em São Paulo, potencializou o significado da representação do corpo nu com sua própria existência. Em silhuetas criadas em formas com o uso do látex, estampas, cetim e performances, representou o sinônimo de vida*!

Dognani provocou reflexões importantes: o que é estado de purificação, proibição,

pecado ou glorificação, expondo silhuetas com a nudez como protagonismo? Por que podem seios, mas não podem vaginas e pênis expostos nos contornos de roupas ou em vestimentas conceituais de vanguardas? A resposta do estilista foi ao vivo para todos presentes no desfile, numa grande orgia fashion no final da apresentação performática.

Em particular, resgato a lembrança do desfile-performance chamado *Óperah Punky: Moda no Kaos*, apresentado em 2022 na Galeria Objectos

* Ressalto que, em sua coleção anterior, Dognani apresentava uma coleção sobre o luto, pela perda da própria mãe.



Bastidores (foto: Jorge Maluf) e desfile (fotos: Carol Damario).



do Olhar, em São Paulo, com roupas streets da marca *Urbno* (do estilista Bruno Dalcheco) e peças de figurinos do *Controllu Ateliê* (de Paula Gascón) que fez a direção criativa e o styling. Nessa fusão de roupas do urbano com peças do teatro, um look em especial causou frisson já que deixava a “neca” à mostra por trás de um véu de tule de noiva! Um modelo que qualquer um caçava! Outros modelos levavam como acessórios os objetos artísticos, da minha série “Assentos Graves”. Foi lindo e punk!

Enfim, o pudor domina o grande público e cria situações que colocam esses exemplos todos como obscenos, vulgares, depreciativos para a moda. O corpo pelado com o falo aparente, velado ou conceitualmente apresentado é proibido e levado ao pornográfico. Porém, esta matéria comprova o contrário com coragem, leveza, beleza de corpos dissidentes e diversas, afetividade sobre a natureza e plasticidade do corpo nu, natural, orgânico e vivo! São precedentes para a moda e revela o falo como ícone fashion para ser aplaudido. **8=D**

Volumes atléticos

por Filipe Chagas



Na curva... da corrida!

Duvido que ninguém fique olhando as roupas grudadas dos atletas para dar aquela conferida nos volumes. Se já fazem isso com as sungas nas praias, imagine nos replays em câmera lenta das transmissões mundiais! Mas afinal... por que elas são tão justas?

São inúmeras as finalidades: elas reduzem a resistência do ar e a fricção, proporcionam suporte muscular, melhoram a eficiência do movimento e oferecem compressão muscular para reduzir a fadiga e aumentar o desempenho. Esses benefícios são particularmente importantes em esportes nos quais a velocidade, a agilidade e a eficiência são fundamentais. Essas roupas também são pensadas para melhorar a cinestesia e a recuperação muscular pelo aumento do fluxo sanguíneo e a consequente melhora do fornecimento de oxigênio*.

A evolução das roupas esportivas começou a ganhar destaque na década de 1950. Nesse período, materiais mais elásticos e inovações têxteis** permitiram a criação de roupas mais justas e funcionais, especialmente para melhorar o desempenho atlético e encontrar vantagens competitivas na natação e no ciclismo. Na natação, por exemplo, os trajes mais ajustados ajudam a reduzir a resistência da água, enquanto no ciclismo, eles oferecem benefícios aerodinâmicos, e na corrida reduz o atrito entre as coxas.

O desenvolvimento dos uniformes esportivos não está associado a um único registro histórico, mas sim a uma evolução gradual ao longo do tempo a partir da constante inovação tecnológica. No entanto, um ponto de virada notável na busca por vantagens competitivas por meio do design foi a introdução dos trajes de corpo inteiro na natação competitiva. O traje *Speedo Fastskin* foi lançado em 2000 e atraiu atenção por sua abordagem inovadora na redução do arrasto e na melhoria da eficiência na água***.

* Cinestesia é a capacidade da pessoa reconhecer como o corpo está posicionado no espaço e a força exercida pelos músculos. Quanto melhor a consciência cinestésica, menos cansativo e mais eficaz se torna o movimento. Entretanto, vale dizer que inúmeras pesquisas científicas refutam essa melhora de desempenho a partir da compressão.

** Alguns dos materiais mais comuns são: *spandex* (*lycra* ou elastano), *poliamida/nylon*, *poliéster* ou uma mescla de materiais sintéticos. A escolha do material está relacionada aos requisitos específicos do esporte, como resistência ao cloro em trajes de natação, capacidade de absorção de suor em roupas para corrida, ou necessidade de compressão muscular em algumas modalidades.

*** Esses trajes minimizam a área de superfície exposta ao fluxo de água e a compressão proporcionada melhora a posição do corpo na água.





Mas ser apertado nem sempre é o ideal. Trajes justos podem não ser ideais em situações em que a flexibilidade e amplitude de movimentos livres é fundamental ou mesmo em ambientes quentes, pois podem reter muito calor. Em alguns casos, a tradição e as normas estabelecidas no esporte influenciam as escolhas de vestuário e a adoção de novas formas de trajes pode encontrar resistência*. Fora isso, é preciso levar em conta questões culturais e a preferência dos próprios atletas.

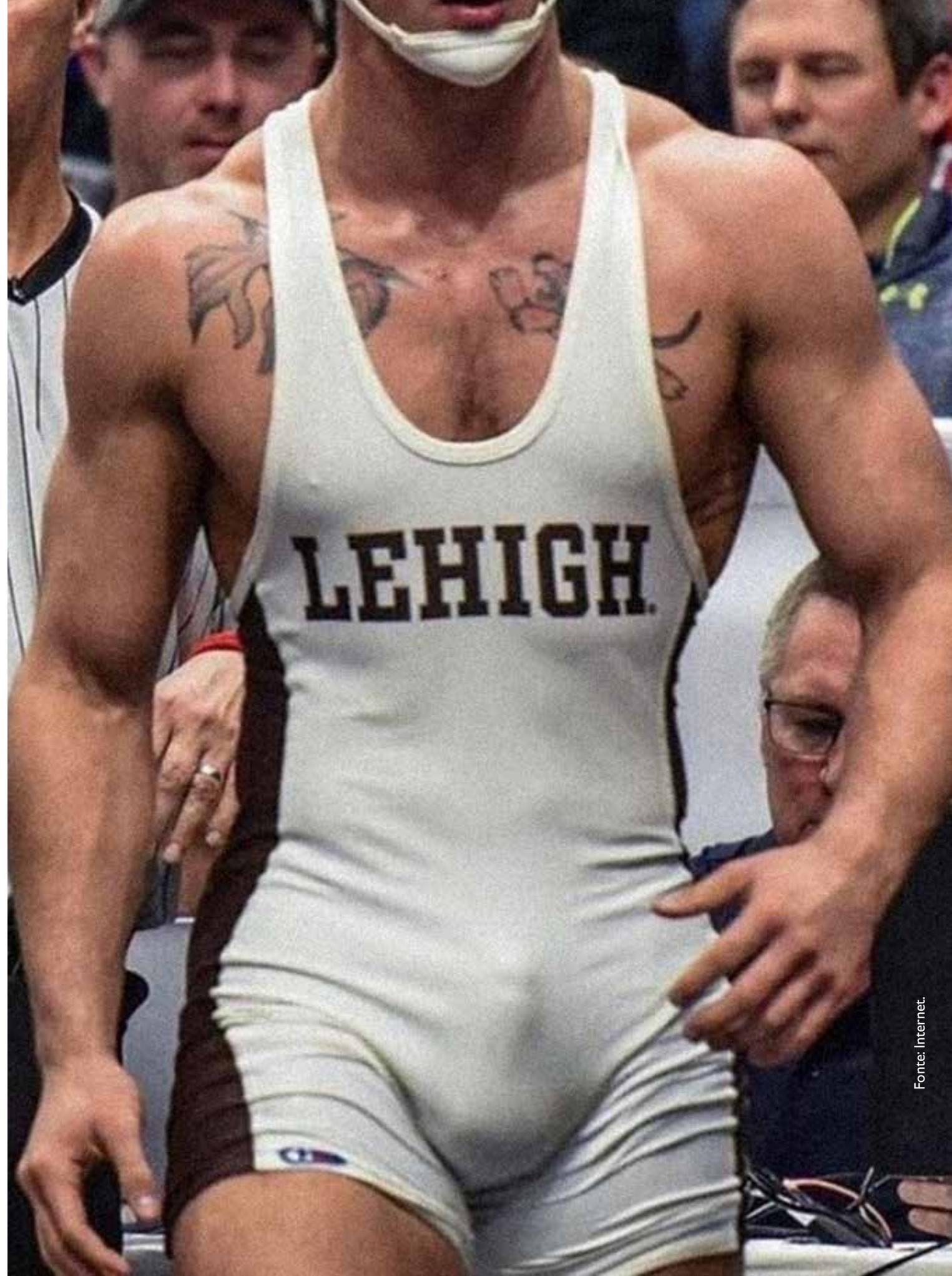
* Em fevereiro de 2024, a Nike alterou o material do uniforme de alguns times da liga estadunidense de beisebol e causou um ultraje entre sportistas e fãs: tudo porque a roupa era translúcida e dava para ver a cueca (e até a camisa) dentro das calças.



Caso alguém esteja pensando que o tamanho do pênis pode interferir no desempenho esportivo – apesar de não haver evidências científicas conclusivas –, a resposta é sim, principalmente em esportes de corrida com movimentação sequenciada e frequente das pernas, mas os atletas sempre treinam conhecendo suas capacidades e características físicas.

Alguns esportes de luta utilizam a coquilha, um protetor na frente do genital que o protege de impactos. A coquilha é inserida em um suporte atlético (tipo jockstrap) ou em uma bolsa de tecido ajustável na parte frontal da cueca sob o uniforme esportivo. Isso, claro, aumenta a protuberância no meio das pernas. Já a luta greco-romana é bem conhecida pelos singlets justos sem qualquer proteção que deixa o espectador sabendo quem foi ou não foi circuncidado. Esses trajes de luta foram pensados para dificultar a possibilidade de agarrões.

Você pode estar pensando agora: “se é pra dificultar os agarrões, por que não estão nus? Afinal, é uma luta greco-romana!” Embora na Antiga Grécia as competições atléticas frequentemente envolvessem atletas nus, a prática evoluiu ao longo do tempo devido a mudanças culturais e sociais. A adoção de roupas ajustadas serve a propósitos específicos, como a prevenção de lesões, redução de atrito e condições de competição justas pela padronização do uniforme.



Jerry

A partir da minha própria experiência no Atletismo, roupas ajustadas ao corpo fazem toda a diferença no desempenho. Desde a base, usei shorts curto e justo.

No começo, o preconceito e a reprovação eram visíveis. Entretanto, o fato é que hoje a evolução tecnológica dos trajes esportivos proporciona não só uma melhor performance, mas também maior conforto. Para mim, a modelagem bem ajustada ao corpo de modo que fique bem colada com os volumes expostos é um estilo que define o visual e a atitude. É um visual sexy, atraente, confortável.



Primeiro lugar no V Campeonato Estadual Catarinense de Atletismo Master (2023) e no XXX Campeonato Estadual Fluminense de Atletismo Master (2024).

Jerry Edson da Costa é recordista pan-americano, sul-americano e campeão brasileiro de Atletismo Master.

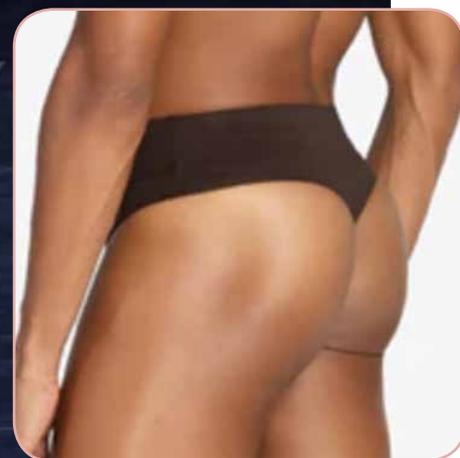


Foto: Brescia e Amisano. Fonte: Gramilano.

Contudo, não é só no esporte que a roupa ajustada chama a atenção. Os bailarinos masculinos também são alvo dos olhares maliciosos. A justeza das roupas permite que os espectadores apreciem a técnica e a expressão corporal dos bailarinos, enfatizando a beleza e a elegância dos movimentos. Além disso, as roupas justas no balé ajudam os instrutores a corrigir a postura e a técnica dos dançarinos, uma vez que proporcionam uma visão clara da posição do corpo e dos músculos em movimento.

Diferente da proteção esportiva, no balé há o uso de um suporte chamado *dance belt*,

semelhante a uma tanga elástica bem justa de cintura alta que eleva e sustenta os testículos para que eles permaneçam fora do meio das coxas e garanta conforto de movimentos. O *dance belt* também suaviza os contornos fálicos considerados uma distração para o público. Vale dizer que seja tanga, seja jockstrap, o falo pode até ficar protegido, mas a bunda fica livre.

O fato é: nos contextos esportivo e artístico, onde a ênfase está no desempenho e na técnica, a percepção social geral aceita e admira os volumes que celebram a anatomia em sua excelência física ao revelarem com naturalidade o corpo atlético e a expressividade estética. **8=D**

Nem só de roupas apertadas vive o voyeur esportivo...

Yağlı güreş (“luta de azeite” ou “luta de gordura” em turco) é uma luta turca onde os lutadores (*pehlivan*, do persa, “herói” ou “campeão”) vestem calções de couro (*kispets*) e besuntam todo o corpo com azeite. Os lutadores passam azeite uns nos outros antes dos combates como demonstração de equilíbrio e respeito mútuo. A função do azeite é dificultar a possibilidade da pegada direta no corpo, numa proximidade com os tecidos dos singlets na luta greco-romana.

Os *kispets* seguem o padrão mínimo de modéstia dos homens muçulmanos, onde a vestimenta começa no cinto e desce até logo abaixo do joelho. Porém, acredita-se que o calção foi introduzido pelo Islã no século 10, pois há registros da luta utilizando óleo no corpo nu no Antigo Egito, na Assíria e em outras civilizações por volta de 2650 a.C.

De acordo com as regras, o perdedor é o lutador cujas costas tocam o solo como resultado das ações do oponente (“mostrando a barriga para as estrelas”) ou se senta apoiado nas duas mãos para trás ou toca o chão com ambos os cotovelos ou cotovelo e mão. O vencedor (*başpehlivan*) é o lutador que levanta seu oponente e o carrega três passos ou o gira. Por isso, o movimento mais comum é a tentativa de controle enfiando o braço dentro do calção do adversário para erguê-lo. Se o *kispet* de um lutador for puxado para baixo (revelando seus órgãos genitais), ele também perde, embora isso seja improvável pela justeza da roupa.

O torneio anual *Kırkpınar* – que dura três dias no mês de junho – existe desde 1361 e é a competição desportiva mais antiga do mundo pelo *Guinness Book*. Em 2010, a Unesco classificou o torneio como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade.



Foto: Emrah Gurell/AP Photo. Fonte: The Seattle Times



Fonte: Male Wrestling Stories



Foto: Emrah Gurell/AP Photo. Fonte: The Seattle Times



Fonte: Male Wrestling Stories

AFINAL,
TAMANHO É
DOCUMENTO?

NÃO!

É EU TENHO COMO PROVAR!

Pesquisa sobre a anatomia peniana feita
com a participação de leitores/seguidores,
totalmente ilustrado e bilíngue.

PDF | 140 páginas | \$

Entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com



uma investigação sobre a anatomia do pênis e seus desdobramentos
an investigation into the anatomy of the penis and its consequences

Contos do Falo

16 DE JULHO

Nunca nenhum acontecimento no Brasil, de qualquer natureza, comoveu tanto o país.

— Mario Filho

Domingo, ele saiu bem antes do horário do jogo, queria conseguir um bom lugar, fez que não viu o olhar súplice e as olheiras da mulher, falou apenas “se o menino continuar tossindo, leva ele para a casa de teus pais, sua mãe sabe o que fazer” e mais não disse, nem um “até logo” nem um “te amo” que talvez nunca tenha dito, apenas o sinal-da-cruz silenciosamente quando pôs o pé fora de casa, a mão no bolso para ter certeza que está com o ingresso escrito “ARQUIBANCADA – Preço Cr\$30,00 – JOGO FINAL” e já parece ouvir o batuque de uma multidão excitada, como ele. Um carnaval em julho, todo o país atento.

No bonde percebeu o olhar daquele moço. Quando seus olhos se encontraram, o jovem sorriu; ele desviou o rosto, não sem antes ver que o desconhecido também usava, como ele, uma aliança no anular esquerdo. Ficou com o olhar baixo uns bons momentos até que o mirar insistente do moço o chama de volta, o atrai e por fim ele também sorri. Apertam-se as mãos, talvez já se conhecessem de vista, estão indo para o mesmo lugar, é claro: o estádio inaugurado há apenas um mês e que hoje estará cheio de gente e de esperança, falam de duzentas mil pessoas, bem mais que a capacidade oficial mas todos querem ver o Brasil levar a Copa: outro resultado que não a vitória de nosso país seria impossível e o impossível, bem, é impossível.

O bonde logo fica cheio e com isto ele e o moço se aproximam cada vez mais, estão juntos, muito juntos,

pode sentir a respiração do jovem e seu cheiro de loção, ele se pergunta se ele também está cheirando a loção. Suas mãos se encontram, ele pede desculpas e tenta recuar um pouco, mas o bonde está lotado, as pessoas se apertam; à medida que se aproximam do estádio há mais e mais gente nas ruas, torcedores com bandeiras, batuques, gritos e cantorias, o orgulho de ser brasileiro. Ele e o moço, calados, conscientes da presença um do outro e do contato de um braço, de uma coxa, separados pela roupa e pelo pudor de serem notados em meio à multidão.

A chegada no estádio vem como um alívio, trocam sorrisos ao sentirem que a proximidade forçada não é mais necessária, não são mais empurrados, ambos esperam os apressadinhos correrem, como se ele e o outro tivessem combinado que vão sem pressa, parece que têm todo o tempo do mundo, até para tomar uma cerveja, para conversar sobre futebol, sobre o tempo, sobre política só um pouco – “o Lacerda foi contra o gasto exorbitante com a construção do estádio” – não trocam nada de pessoal. Aos poucos silenciam e começa o jogo e o ronco da multidão vira um uivo ensurdecedor, todos se põem de pé, pulam e gritam: “BRA-SIL!!!”

O início foi difícil – todos esperavam os brasileiros no ataque, como sempre guerreiros, vindos de uma campanha vitoriosa – mas os uruguaios surpreenderam ao partir para o enfrentamento. Os dois estão sentados lado a lado, seus joelhos se tocam, se levantam e gritam em um lance mais difícil, aos poucos se tornam amigos, irmãos, apesar do gosto amargo da expectativa, da deusa Fortuna que não chega trazendo a chuva de gols tão desejada, tão aguardada.

Minutos antes do final do primeiro tempo, talvez para dissipar a tensão, talvez pelas cervejas que beberam, ele diz “você me desculpe, tenho que ir urinar” e o moço diz que também vai. No banheiro ficam lado a lado, ele arrisca um olhar para o pau do outro que percebe o interesse e alisa o membro. Apesar da situação os dois começam a ficar excitados, os paus duros, o cheiro de mijo, os gritos da torcida quando o primeiro tempo acaba em zero a zero, é decepcionante mas o empate nos favorece, se empatarmos ganhamos o título, ele explica para o jovem que já sabe disso tudo mas se vira para ele e agora se exhibe enquanto manipula o pau; porém logo o banheiro está cheio, muitos homens com pressa para usar os mictórios. Sem palavra, circulam pelo estádio lotado, em multidões masculinas sempre se encontra um lugar discreto e conseguem se acariciar um pouco, sentir o pau rijo do outro, o volume e as veias pulsantes, só isso e outra cerveja.

Voltam para a arquibancada, o segundo tempo começa e, mal começa, em dois minutos apenas, um grito fende o estádio: Gol do Brasil! Gol de Friaça, jogador são-paulino, a torcida vibra, os uruguaios vão ao juiz e alegam impedimento do brasileiro mas é inútil, o juiz confirma o gol e segue a partida. Na comemoração do gol os dois homens se unem em um abraço caloroso e agora estão mais próximos ainda, porém os uruguaios contra-atacam e os brasileiros talvez surpresos não reagem bem, não conseguem retomar o ataque, deixam vazios no campo por onde os uruguaios avançam, pouco menos de vinte minutos e os uruguaios marcam um gol: 1 x 1. Ele repete que o empate é a nosso favor e o moço sorri para ele outra vez, agora com tristeza, e o abraça de novo.

A tensão de Barbosa, o goleiro brasileiro, já visível durante o primeiro tempo, aumenta a cada segundo; todo o time do Brasil está nervoso e os torcedores estão em um clima estranho, pesado, uma quase espera impaciente, já que em empate o Brasil vence por pontos – embora, é claro, todos esperavam,

queriam, ansiavam por uma goleada contra os malditos uruguaios, vindos de um paiseco menor que o estado do Paraná. É como se todos preferissem que os jogadores ficassem imóveis, transformados em estátuas de cera, somente o relógio do juiz tiquetaqueando até o apito final e congelando aquele empate e aclamando a vitória brasileira.

Os dois homens quase não se falam mais, apenas sentem o contato um do outro, perna com perna, os pelos do antebraço, os pés que se encostam, na antecipação da vitória e de comemorar juntos a noite inteira, em algum inferninho na Lapa, em algum lugar discreto só para os dois, quem sabe?

De repente o uruguaio Ghiggia dispara pelo lado direito do campo. Dizem (as testemunhas dão versões contraditórias, mesmo os filmes que registraram o momento são sem nitidez) que se Barbosa tivesse ficado estático nada aconteceria, mas ele foi se mexer, nervoso, se lançou na direção errada, na velocidade errada, da maneira errada – e a bola entrou. Gol do Uruguai, 2 a 1. A multidão emudece, os jogadores brasileiros desmoronam, ainda restam onze minutos de jogo, mas e aí? Como reverter aquela morte, aquela hecatombe, aquela catástrofe, aquela explosão atômica destruindo para sempre o orgulho do país? Anos depois o algoz Ghiggia disse, em uma entrevista: “O silêncio era tão grande que se uma mosca estivesse voando por lá, ouviríamos o seu zumbido”.

Eles não se falam mais, não se olham mais. Silenciosos, seguem no meio da multidão silenciosa. É como um eclipse, como se o sol do Rio de Janeiro tivesse sido consumido em um buraco negro, como uma epidemia mortal ou o estourar de uma guerra. Lado a lado, em silêncio; ele pergunta ao outro se quer tomar algo, o jovem recusa, “vou caminhando” e segue, enquanto ele fica esperando o próximo bonde e ainda consegue dizer apenas “ei, não sei seu nome”. O moço responde, quase envergonhado, “Barbosa” e desaparece na multidão até nunca mais.



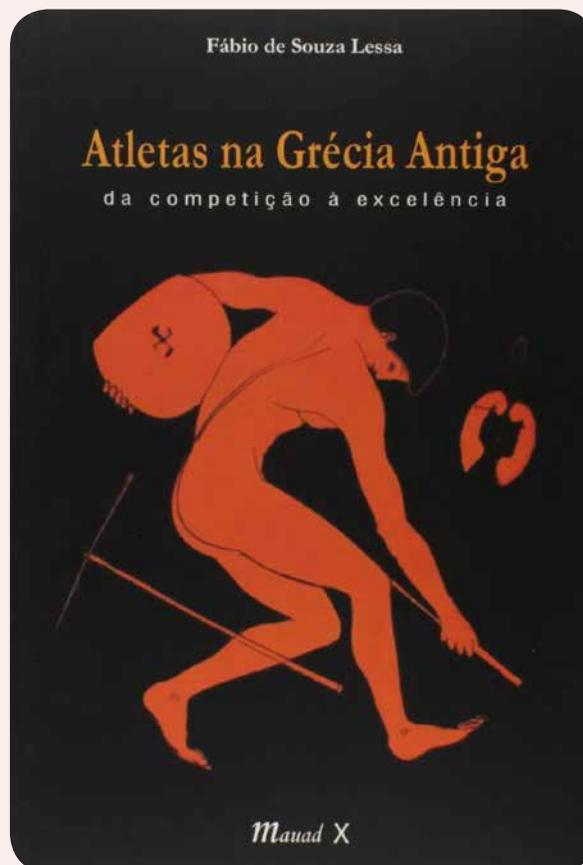
Atletas na Grécia Antiga: da competição à excelência

de Fábio de Souza Lessa (2017)

Vou começar informando duas coisas: primeiro, este livro é resultado das pesquisas desenvolvidas pelo autor PhD; e, segundo, que não, não é um livro sobre nudez. No entanto, apesar de focado no universo desportivo da Grécia Antiga, ele revela a nudez como comportamento social civilizatório não só dentro dos esportes. Além disso, por ser uma pesquisa acadêmica, envolve vocabulário e metodologia específicos, como, por exemplo, a análise de várias cerâmicas, o que torna tudo mais interessante já que ele usa a Arte como meio de comprovação científica. É por conta disso tudo que essa resenha foi feita.

No terceiro capítulo há uma grande análise tanto da nudez quanto da beleza masculina da época e ambas estão relacionadas a “uma conduta para todos os cidadãos que se pretendem honrados” e a busca pela perfeição ética e física “era tanto pessoal quanto uma obrigação social”.

A Grécia impôs um modelo estético no qual a nudez masculina ocupava um espaço de destaque. Em certas circunstâncias da vida coletiva, como nas disputas atléticas, a nudez nos remete à noção de civilidade, sendo o modelo estético de representação da beleza masculina uma construção social que evidencia justamente a própria ideia de comunidade política e que não se reduz a uma beleza puramente física. No físico desnudo se imprimem e se exprimem as virtudes essenciais para um bom cidadão.



Capa do livro.

Acredita-se que a nudez masculina como signo de identidade grega teria começado na ilha de Creta, pois foram os primeiros a se desnudar em público, untando-se com óleo para a prática de exercícios físicos. Aliás, você já leu a matéria nesta edição sobre a luta turca? E você sabia que a palavra ginásio vem do grego *gymnasion*, ou, “lugar público para a prática de exercícios” onde eles estavam sempre nus?

Porém, como o autor deixa claro, é evidente que os gregos não andavam nus pelas ruas. As cinco razões possíveis para o uso de

vestimentas são: hierarquia ou distinção social, vaidade, vergonha, proteção contra o frio e/ou proteção contra maldições. A nudez pública servia como um ato de dignidade, um desnudamento metafórico e democrático que fornecia igualdade. Para um atleta, a nudez significa liberdade, privilégio e virtude física. Nas guerras, a nudez grega era entendida como o oposto da “barbárie vestida”. Nas cerâmicas gregas, a nudez era interpretada em duas oposições: nu vs. vestido, denotando relações de poder entre os personagens, ou seja, atletas e treinadores, por exemplo; e barbados vs. imberbes, demarcando faixas etárias diferentes.



Ânfora / Troféu de uma competição de corrida descalça (530 a.C.).

Vale dizer que estamos falando exclusivamente da nudez masculina.

O autor chega a citar que os gregos comparavam batalhas com guerreiros vestidos à batalhas com mulheres, autenticando o patriarcado da época e transformando a vestimenta num símbolo de oposição de gênero. Havia também questões com a cor da pele, já que os gregos eram bronzeados pela constante exposição de seus corpos nus ao sol. Um cidadão grego de pele branca era sinal de vergonha e os inimigos eram despidos para que todos pudessem ver seus corpos sem contato com o sol e, assim, serem considerados preguiçosos.

Além de ser um agente de cultura e essencialmente plural, o corpo é uma poderosa forma simbólica em que as hierarquias e as especificidades de uma cultura são inscritas e reforçadas através de sua linguagem. Ele constitui o “pólo simbólico” que organiza, articula e interpreta, para além das simples evidências “físicas”, a vida cotidiana dos indivíduos e das coletividades. Assim sendo, o corpo é também um lugar de exercício do controle social. Já que o defendemos como construção social, o inserimos numa historicidade, o que implica dizer que ele não é o mesmo segundo os diferentes tempos de indivíduos, grupos e sociedades.

Esse entendimento do corpo como construção social é talvez a grande mensagem desta resenha (e talvez de todo livro!). Estereótipos e pressões estéticas não são exclusivas da contemporaneidade: são fundamentos civilizatórios no Ocidente. Mesmo que o autor complete dizendo que “o corpo revela ainda as relações de identidade e alteridade, porque ele é o que nos permite encontrar os outros, manifestando nossa natureza relacional pela afirmação da individualidade”, fica mais do que óbvio que a sociedade manipula o corpo como forma de expressão coletiva e defesa da ordem social vigente. Na Grécia Antiga o desnudamento era um ato comunicacional de ética, virilidade e democracia; hoje, a nudez é vista como o oposto: antiética, proibida, louca, prisional. **8=D**

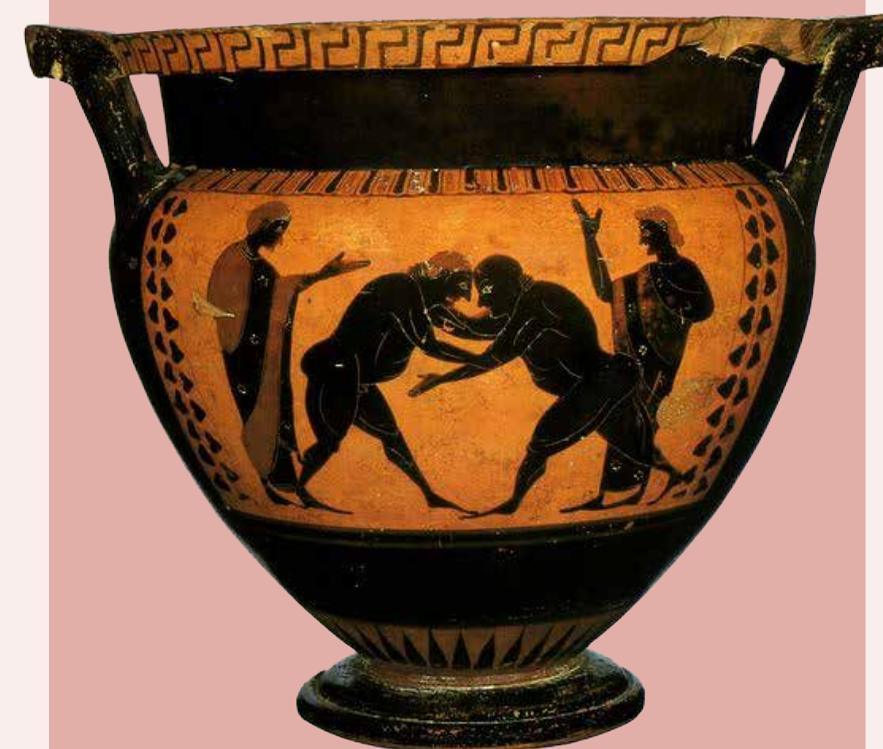
O *discóbolo* (lançador de disco) é uma estátua do escultor grego Míron, de cerca de 455 a.C., que representa um atleta momentos antes de lançar um disco. É considerada a estátua de desportista em ação mais famosa do mundo. Ao lado, uma cópia reduzida em bronze da Gliptoteca de Munique.



Afinal: todos os gregos eram sarados?

A resposta é não. A cultura grega primava por um modelo de justas medidas aritméticas e geométricas que gerava uma idealização distante da realidade, que levava a uma busca constante utópica e inalcançável. Na arte, ressaltava-se a simetria das formas em um corpo rijo que apresentasse equilíbrio, força, proporção e movimento.

Seria inverossímil aceitar que todos os helenos fossem belos e portassem um físico igualmente belo, sendo essa beleza idealizada e desconhecida no cotidiano e principalmente uma qualidade dos deuses e heróis, estendida aos atletas vitoriosos.

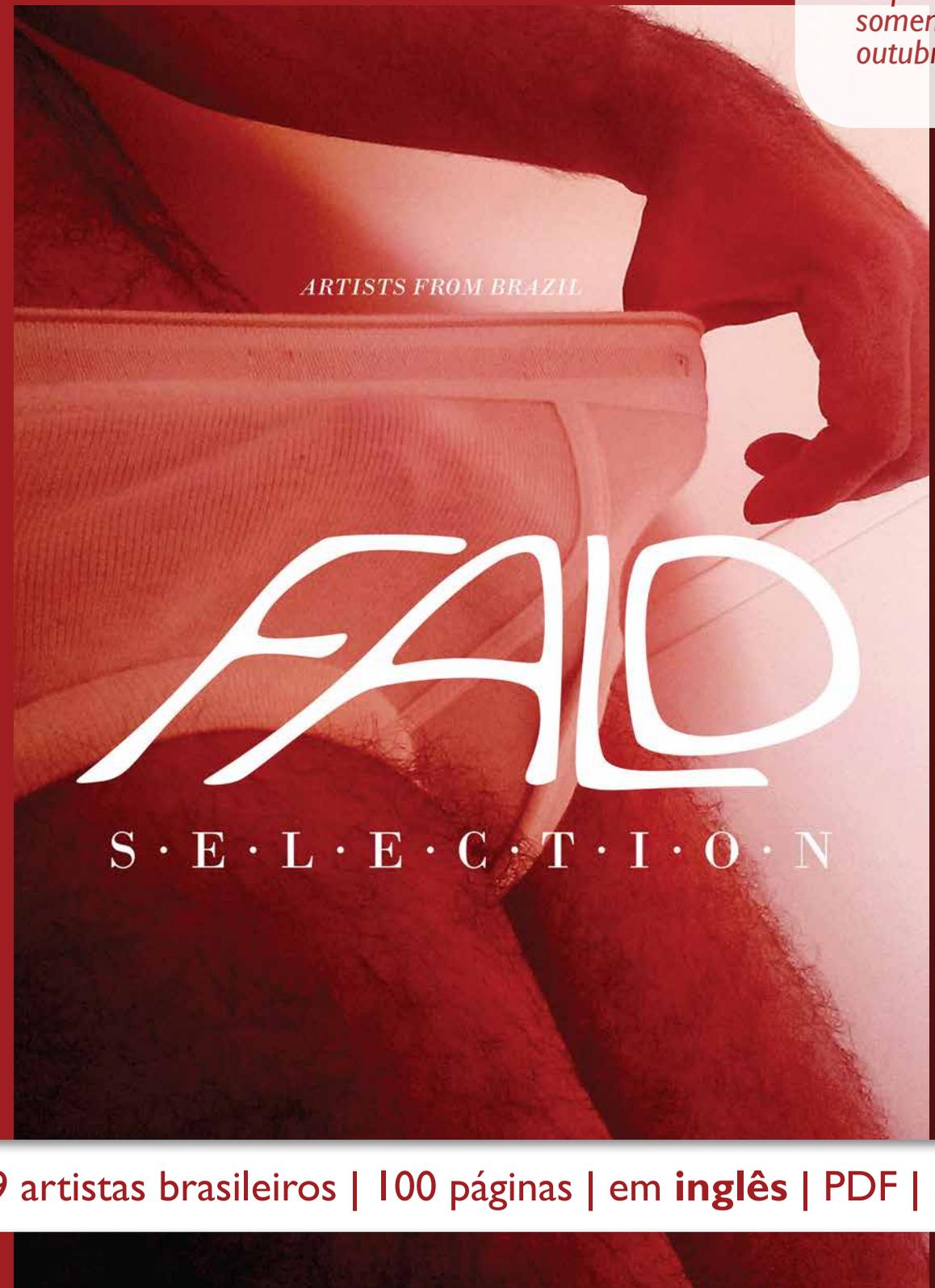


Nesta ânfora, por exemplo, é possível ver dois atletas gordos, pois, na época, os lutadores mais pesados eram aqueles que tinham mais chances de vencer uma competição. A representação de corpos diferenciados na arte helênica dizia muito mais sobre a modalidade esportiva do que algum estereótipo específico.



📷 @poppa_pola

disponível
somente até
outubro/24



9 artistas brasileiros | 100 páginas | em inglês | PDF | \$

Envie mensagem para falonart@gmail.com para saber como adquirir.

FAÇA AMOR, NÃO FAÇA GUERRA



ADÃO



Marlon THOR



O adulto LGBTQIAPN+ e a criança “des”viada

Aceitar que a infância e adolescência foram da forma que foram e que não há o que mudar daquela época é um desafio complexo. Mas ficar preso na ideia de um passado que poderia ter sido diferente, ou de pais que poderiam ter agido de outra forma, por exemplo, arrasta um sofrimento que paralisa o sujeito na relação consigo mesmo e com o outro no tempo atual.

Sabe-se que a infância e a adolescência LGBTQIAPN+ é um período em que muitas pessoas acabam não experimentado a possibilidade de serem elas mesmas e vivenciam romances como fazem boa parte dos casais heterossexuais. Sendo assim, é

comum a concretização de desejos juvenis em idades mais avançadas. Assim, a vida de alguém que já passou dos seus 30 anos fica em desacordo e acaba prejudicada se ela não se situar de forma mais realística com as demandas do presente, que, volta e meia, sempre acabam nos teletransportando para a criança que um dia fomos, para as leituras e sentimentos bons ou ruins que um dia tivemos. Conseguimos jogar fora do velho baú muita coisa que não serve, mas nunca nos desfazemos totalmente dele. Ele sempre estará lá. A cada ação, emoção ou revelação do presente, é na infância ou adolescência que encontramos as principais peças do quebra-cabeças.

O processo de amadurecimento não é igual para todas as pessoas. A gente tem alguns marcadores que vão se consolidando na caminhada: completar 18 anos e poder responder juridicamente pelas próprias ações, sair da casa dos pais, ter independência financeira... Porém, esses marcadores não exatamente evitam que algumas pessoas continuem agindo de forma imatura, infantil e, por vezes, inconsequente consigo e com o outro.

Aceitar que a realidade da vida não é exatamente como a gente sonha. É preciso identificar os padrões de comportamentos repetitivos expressos em nossas atitudes e nos conflitos na relação com o outro, e se

responsabilizar ao menos por boa parte das coisas que nos acontecem sem justificar que é sempre culpa de alguém ou de algum agente externo.

Esses são fatores que contribuem para entender-se como alguém adulto, mas eles só conseguem se cristalizar se a gente revisitar a antiga criança, às vezes, machucada e ressentida, às vezes, culpada ou frustrada.

Obras da série *Criança Viada*, de Bento Ben Leite. As duas últimas (abaixo) estiveram presentes no Queermuseu e foram associadas à pedofilia, causando o cancelamento da mostra em 2017.



THE  MOVEMENT

No Rudos

Don't be rude... Be you!



www



moNUmento



Modelo: GustyGab.
Foto: MBP Studio.





FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

